



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS – DCHT-XVI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM ESTUDOS AFRICANOS,
POVOS INDÍGENAS E CULTURAS NEGRAS - PPGEAFIN

LUIZ FERNANDO DE CARVALHO REIS

**Luz invisível: a jornada do pregador e colportor cego na Chapada
Diamantina, sertão da Bahia**

Irecê/BA

2026

Luiz Fernando de Carvalho Reis

**Luz invisível: a jornada do pregador e colportor cego na Chapada
Diamantina, sertão da Bahia**

Irecê/BA

2026

Luiz Fernando de Carvalho Reis

Luz invisível: a jornada do pregador e colportor cego na Chapada
Diamantina, sertão da Bahia

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
nível de Mestrado em Estudos
Africanos, Povos Indígenas e
Culturas Negras, para obtenção do
título de Mestre, sob a orientação do
Professor Dr. Moiseis de Oliveira
Sampaio.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. (Orientador) Moiseis de Oliveira Sampaio

Prof. Dr. (Titular) Ester Fraga do Nascimento Vilas Boas

Prof. Dr. (Titular) Darci Ribeiro de Castro

Irecê

2026

FOLHA DE APROVAÇÃO

Luiz Fernando de Carvalho Reis

Luz invisível: a jornada do pregador e colportor cego
na Chapada Diamantina, sertão da Bahia

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
nível de Mestrado em Estudos
Africanos, Povos Indígenas e
Culturas Negras, para obtenção do
título de Mestre, sob a orientação do
Professor Dr. Moiseis de Oliveira
Sampaio.

Irecê, 18 de março de 2026.

Aprovada por:

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. (Orientador) Moiseis de Oliveira Sampaio

Prof. Dr. (Titular) Ester Fraga do Nascimento Vilas Boas

Prof. Dr. (Titular) Darci Ribeiro de Castro

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Bibliotecária: Ailana Cerqueira – CRB-5/2177

R3751 Reis, Luiz Fernando de Carvalho
Luz invisível: a jornada do pregador e colportor cego na Chapada
Diamantina, sertão da Bahia / Luiz Fernando de Carvalho Reis .- Irecê, 2026.
102 f. : il.

Orientador: Moiseis de Oliveira Sampaio.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade do Estado da Bahia.
Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias. Programa de Pós-
Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras –
PPGEAFIN, Campus XVI. 2026.

Contém referências.

1. Inclusão social. 2. Chapada Diamantina. 3. Religião. I. Sampaio, Moiseis
de Oliveira. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências
Humanas. Campus XVI. III. Título.

CDD: 981.3

2 Coríntios 4:6:

"Porque **DEUS**, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de **JESUS CRISTO**."

AGRADECIMENTOS

A conclusão desta dissertação de mestrado não representa apenas o encerramento de um ciclo acadêmico, mas a síntese de uma jornada coletiva, viabilizada pelo amparo, pela paciência e pelo incentivo de pessoas e instituições que foram fundamentais para que esta pesquisa ganhasse corpo e alma.

À minha amada esposa, Maria Conceição, minha companheira de vida e porto seguro. Este trabalho também é fruto do seu apoio incondicional, da sua compreensão diante das minhas ausências e recolhimentos e do seu incentivo nos momentos em que o cansaço parecia prevalecer. Sua presença é a luz constante que sempre ilumina meus passos.

Aos meus filhos, Filipe e Luiz Fernando, que são as minhas maiores fontes de motivação. Que este trabalho sirva como exemplo de perseverança e dedicação aos estudos, e que eles saibam que cada página escrita teve como horizonte a construção de um futuro e de um mundo mais justo para a sua geração. A minha neta Maria Clara, futura médica. Homenagem especial ao meu pai Dr. Luciano, um engenheiro/escritor e historiador amador, pelos seus ensinamentos e exemplo de vida.

Ao meu orientador, Professor Dr. Moisés de Oliveira Sampaio, pela confiança depositada neste projeto desde o início. Sua orientação magistral, suas críticas sempre precisas e sua generosidade intelectual foram bússolas essenciais para que eu pudesse navegar com segurança pelas complexidades da história e da teologia na Chapada Diamantina, e cuja trajetória é indissociável da identidade presbiteriana, e que, portanto, agradeço a orientação intelectual e espiritual. Sua orientação foi decisiva para mapear a história da IPB na região, tendo como fio condutor o legado de D. Zeliê Borges (In Memoriam). As memórias de sua senhora mãe não apenas forneceram informações valiosas, mas inspiraram a análise do avanço protestante que se iniciou em Volta Grande e se estendeu de Wagner até o Morro do Chapéu, compondo um panorama abrangente da influência presbiteriana na vasta geografia da Chapada Diamantina.

Aos reverendos da Igreja Presbiteriana do Brasil, na região, e especialmente ao Pastor Aldon e aos membros da Igreja Presbiteriana de Piritiba (muitos, hoje bastante idosos, conheceram o pregador e colportor), terra natal de Zezé Cego, que fizeram parte da minha história e auxiliaram na minha pesquisa.

Aos meus colegas de mestrado da UNEB e colaboradores especificamente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras (PPGEAFIN). Aos pesquisadores e colaboradores do Laboratório Sertão Memória de Documentos Digitais (LASERD). As nossas discussões em sala, as trocas de bibliografias e acesso ao acervo e o companheirismo nas angústias e vitórias do mestrado tornaram o percurso mais leve e intelectualmente estimulante. Em cada um

de vocês, encontrei um interlocutor e um amigo.

À direção do Campus XVI da UNEB – Irecê, pelo suporte institucional e por proporcionar um ambiente acadêmico de excelência. A estrutura desta universidade foi o solo fértil onde esta pesquisa pôde germinar, reafirmando o compromisso da UNEB com a produção de conhecimento no coração do sertão baiano.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que a história de Zezé Cego fosse resgatada e eternizada nestas páginas, o meu mais profundo e sincero agradecimento.

Por tudo isso, termino o meu agradecimento dizendo que, Deus é bom! Deus é bom e o bom é Deus! A Bíblia assim o diz.

Resumo

Esta dissertação investiga a trajetória biográfica e o legado sociocultural de José Araújo, conhecido como Zezé Cego, pregador e colportor presbiteriano cuja atuação na Chapada Diamantina, sertão da Bahia, operou como um vetor de transformação nas dinâmicas de inclusão e religiosidade durante o século XX. O estudo ancora-se na premissa de que a trajetória de Araújo transcende a hagiografia confessional, constituindo-se como um fenômeno de agência e resistência no contexto das populações periféricas e negras do sertão baiano. Através de uma abordagem historiográfica associada à pesquisa de campo e ao método biográfico, analisa-se como a apropriação do sistema Braille e a inserção na rede missionária presbiteriana — materializada em instituições como o Hospital Grace Memorial e o Instituto Ponte Nova — permitiram a Zezé Cego subverter o capacitismo estrutural e a invisibilidade social. A pesquisa discute o conceito de justiça cognitiva, evidenciando como a articulação de saberes técnicos e teológicos possibilitou ao sujeito com deficiência o exercício de uma autonomia funcional e intelectual antecipatória à Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015). No plano sociológico, o trabalho examina o capital social espiritualizado gerado pela Missão Presbiteriana, refletindo sobre as ressonâncias contemporâneas dessa atuação e as tensões teológicas acerca da deficiência no atual cenário pluralista da região. Conclui-se que a memória de José Araújo atua como um dispositivo crítico capaz de iluminar debates sobre direitos humanos, diversidade funcional e a valorização das múltiplas formas de espiritualidade e reexistência nas culturas do sertão.

PALAVRAS-CHAVE:

ZEZÉ CEGO. CHAPADA DIAMANTINA. MISSÃO PRESBITERIANA. INCLUSÃO SOCIAL. JUSTIÇA COGNITIVA.

ABSTRACT

This dissertation investigates the biographical trajectory and the sociocultural legacy of José Araújo, known as Zezé Cego, a Presbyterian preacher and colporteur whose work in the Chapada Diamantina, in the hinterlands (sertão) of Bahia, operated as a vector of transformation in the dynamics of inclusion and religiosity during the 20th century. The study is grounded on the premise that Araújo's trajectory transcends confessional hagiography, constituting a phenomenon of agency and resistance within the context of the peripheral and Black populations of the Bahian sertão. Through a historiographical approach associated with field research and the biographical method, it analyzes how the appropriation of the Braille system and his integration into the Presbyterian missionary network — embodied in institutions such as the Grace Memorial Hospital and the Ponte Nova Institute — enabled Zezé Cego to subvert structural ableism and social invisibility. The research discusses the concept of Cognitive Justice, highlighting how the articulation of technical and theological knowledge allowed a person with a disability to exercise functional and intellectual autonomy that anticipated the Brazilian Inclusion Law (Law No. 13.146/2015). On a sociological level, the work examines the spiritualized social capital generated by the Presbyterian Mission, reflecting on the contemporary resonances of this work and the theological tensions regarding disability in the region's current pluralistic landscape. It concludes that the memory of José Araújo acts as a critical device capable of illuminating debates on human rights, functional diversity, and the appreciation of multiple forms of spirituality and re-existence within sertão cultures.

KEYWORDS: ZEZÉ CEGO. CHAPADA DIAMANTINA. PRESBYTERIAN MISSION. SOCIAL INCLUSION. COGNITIVE JUSTICE.

Sumário

<u>INTRODUÇÃO</u>	12
<u>CAPÍTULO 1 - CARACTERIZANDO O BRASIL, A BAHIA E A CHAPADA DIAMANTINA: UM MOSAICO CULTURAL, SOCIAL E RELIGIOSO</u>	19
1.1. AS CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS DA CHAPADA DIAMANTINA ENTRE 1930 E 1950: DO DECLÍNIO DA MINERAÇÃO À BUSCA POR NOVAS PERSPECTIVAS.....	22
<u>CAPÍTULO 2 - A PRESENÇA PRESBITERIANA NA CHAPADA DIAMANTINA NO INÍCIO DO SÉCULO XX: INFLUÊNCIAS RELIGIOSAS, EDUCACIONAIS E SOCIOECONÔMICAS</u>	26
2.1. A PRESENÇA PRESBITERIANA NA CHAPADA DIAMANTINA NO INÍCIO DO SÉCULO XX: INFLUÊNCIAS RELIGIOSAS, EDUCACIONAIS E SOCIOECONÔMICAS.....	31
2.2. OS PRESBITERIANOS NA REGIÃO MONTANHOSA DA CHAPADA DIAMANTINA NO INÍCIO DO SÉCULO XX.	33
2.3. A MISSÃO PRESBITERIANA E O HOSPITAL DE WAGNER: UM LEGADO DE CUIDADO E FÉ NO SERTÃO BAIANO.....	41
<u>CAPÍTULO 3 - A TRAJETÓRIA DE FÉ E PERSEVERANÇA DE ZEZÉ CEGO: COLPORTAGEM E PRESENÇA PRESBITERIANA NA CHAPADA DIAMANTINA</u>	45
3.1. A EPIFANIA TÁTIL DA PALAVRA: A ATUAÇÃO EXCEPCIONAL DE UM COLPORTOR CEGO E A DISSEMINAÇÃO DA FÉ NA CHAPADA DIAMANTINA	54
3.2. O CONFRONTO DA PALAVRA TÁTIL: A CHEGADA DE UM COLPORTOR CEGO E A TENSÃO RELIGIOSA NA CHAPADA DIAMANTINA.	56
3.3. ROTEIRO GEOGRÁFICO DA TRAJETÓRIA DE ZEZÉ CEGO.	63
3.3.1. O EIXO DE LIGAÇÃO: DE PIRITIBA AO BONITO.....	63
3.3.2. AS BIFURCAÇÕES DE CAFARNAUM: AS ROTAS PARA IRECÊ	64
3.4. ROTEIRO NORTE: PIRITIBA – JUAZEIRO DA BAHIA.....	65
3.4.1. O ENCONTRO DE MENTORES: MIGUEL CALMON E JACOBINA.	65
3.4.2. A TRAVESSIA DO PIEMONTE AO VALE DO SÃO FRANCISCO.	66

3.4.3. O DESTINO: JUAZEIRO DA BAHIA QUE ERA O PONTO CULMINANTE DESTES ROTEIRO.....	66
---	----

<u>CAPÍTULO 4 – REVERBERAÇÕES CONTEMPORÂNEAS E O LEGADO DA INCLUSÃO: DA MISSÃO PRESBITERIANA À LEI BRASILEIRA DE INCLUSÃO.....</u>	<u>68</u>
4.1 IMPACTOS SOCIAIS: FÉ COMO FATOR DE TRANSFORMAÇÃO COMUNITÁRIA ...	71
4.2. FÉ, CIDADANIA E A LBI: ZEZÉ CEGO COMO PRECURSOR DA AUTONOMIA FUNCIONAL.....	73
4.3. A MEMÓRIA COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO	75
4.4. EDUCAÇÃO INFORMAL E A PEDAGOGIA DA PRESENÇA.....	77
4.5. A FÉ COMO INFRAESTRUTURA SOCIAL.....	77
4.6. TENSÕES NA CONTEMPORANEIDADE: A CURA COMO IMPERATIVO E O DESAFIO DA SUBJETIVIDADE.....	80
4.7. A MEMÓRIA COMO FAROL: ZEZÉ CEGO E A PEDAGOGIA DA RESISTÊNCIA PARA O FUTURO.....	82
4.8. A FÉ COMO EPIFANIA TÁTIL E RESISTÊNCIA.....	83
<u>CONCLUSÃO.....</u>	<u>86</u>

INTRODUÇÃO:

A história da Chapada Diamantina, no coração do sertão baiano, é frequentemente narrada através da opulência do garimpo ou das rotas de tropeiros que cruzavam suas serras. No entanto, entre as dobras dessa geografia acidentada, subjazem narrativas de resistência e itinerâncias que desafiam as categorias convencionais de poder e visibilidade. Esta dissertação dedica-se a investigar uma dessas trajetórias singulares: a vida, a trajetória e o legado de José Araújo, historicamente reconhecido como Zezé Cego, um pregador e colportor presbiteriano que, em meados do século XX, transformou a limitação sensorial em potência evangelizadora e social.

O objeto central deste estudo é a análise da atuação de Zezé Cego como um agente de transformação nas dinâmicas de inclusão e religiosidade na região. Sua jornada, marcada pelo transporte e difusão de literatura bíblica em comunidades isoladas, revela a intersecção entre a fé protestante, a deficiência e a agência de sujeitos periféricos. Zezé não era apenas um portador de livros; era um tradutor de mundos que, ao dominar o sistema Braille e percorrer mais de uma centena de localidades, antecipou em décadas os debates contemporâneos sobre autonomia funcional e direitos humanos.

A relevância desta pesquisa ancora-se na necessidade de preencher uma lacuna na historiografia do protestantismo sertanejo e nos Estudos Africanos, Indígenas e Culturas Negras. Sujeitos como José Araújo costumam ser relegados à hagiografia confessional ou ao esquecimento institucional. Resgatar sua memória é um ato de justiça cognitiva, pois permite compreender como as populações negras e empobrecidas do sertão ressignificaram os projetos missionários estrangeiros para construir suas próprias estratégias de reexistência.

Ademais, no campo da educação e da inclusão, a trajetória de Zezé Cego oferece um contraponto histórico fundamental à Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015). Analisar sua vida permite questionar como a autonomia era forjada antes das garantias legais, destacando o papel das redes de

solidariedade — como a Missão Presbiteriana, o Hospital Grace Memorial e o Instituto Ponte Nova — como infraestruturas sociais de amparo.

Diante deste cenário, a investigação orienta-se pela seguinte questão norteadora: De que maneira a trajetória de José Araújo (Zezé Cego) articulou os valores da fé reformada com estratégias de autonomia e inclusão, constituindo-se como um precursor da agência da pessoa com deficiência no sertão baiano?

Para responder a este problema, traçaram-se os seguintes objetivos -

Geral: Analisar o impacto social e religioso da atuação de Zezé Cego na Chapada Diamantina, destacando seu papel como mediador cultural e agente de inclusão. Específicos: 1. Reconstituir a biografia e trajetória itinerante de José Araújo e sua relação com a Missão Presbiteriana; 2. Investigar o uso do Braille como ferramenta de emancipação intelectual e espiritual; 3. Refletir sobre as ressonâncias de seu legado nas políticas e práticas de inclusão contemporâneas na região.

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de micro história regional, fundamentada no método biográfico e na análise historiográfica. A investigação socorreu-se de levantamento documental em arquivos missionários, além de entrevistas e depoimentos orais (história oral) que preservam a memória viva de Zezé Cego nas comunidades da Chapada Diamantina.

A dissertação está estruturada em cinco capítulos. O primeiro (esta introdução) apresenta o panorama do estudo. O segundo capítulo caracteriza a região da Chapada Diamantina. O terceiro capítulo dedica-se ao contexto histórico da Missão Presbiteriana e à formação de Zezé Cego. O quarto capítulo mergulha na sua atuação como colportor e na teologia da deficiência. Finalmente, o quinto capítulo discute as reverberações contemporâneas de sua trajetória, confrontando o passado com a Lei Brasileira de Inclusão e o atual cenário pluralista da Chapada Diamantina.

Ao final desta jornada acadêmica, espera-se que a "luz invisível" que guiou os passos de José Araújo possa, agora, iluminar novas perspectivas sobre a dignidade humana, a força da espiritualidade sertaneja e o reconhecimento inalienável das múltiplas formas de resistência e existência

Esta dissertação delineou uma metodologia de pesquisa multifacetada e rigorosa, combinando uma abordagem seletiva e crítica na seleção de leituras e

materiais, com pesquisa documental aprofundada e coleta de dados de campo por meio de entrevistas e questionários. Cada etapa foi cuidadosamente planejada para garantir uma análise aprofundada e abrangente da atuação dos presbiterianos e da trajetória de Zezé Cego na Chapada Diamantina, buscando explicitamente o "como" da pesquisa e o potencial de cada etapa para a construção do conhecimento, enriquecendo, assim, a compreensão dos fenômenos históricos e sociais envolvidos.

A abordagem seletiva e crítica na seleção das leituras e demais materiais colhidos e produzidos, permitiu uma análise aprofundada e abrangente sobre o tema proposto, enriquecendo a compreensão dos fenômenos históricos e sociais relacionados à atuação dos presbiterianos e de Zezé Cego na região da Chapada Diamantina. Sendo delineada uma metodologia multifacetada para investigar a atuação dos presbiterianos e a figura de Zezé Cego e sua trajetória na região da Chapada Diamantina.

Cada componente da metodologia foi ampliado e detalhado, buscando explicitar o como da pesquisa e o potencial de cada etapa para a construção do conhecimento, envolvendo a avaliação da validade, da confiabilidade, dos vieses e das contribuições específicas de cada leitura e material. Isso envolveu a análise do contexto de produção da fonte, a identificação de argumentos centrais, a comparação com outras obras e a avaliação da sua metodologia.

Foi garantido que a análise fosse construída sobre um alicerce sólido de informações relevantes e criticamente avaliadas, evitando a superficialidade e promovendo uma compreensão mais aprofundada dos fenômenos históricos e sociais em questão.

A pesquisa documental foi crucial para contextualizar a atuação dos presbiterianos e a história de Zezé Cego dentro de um panorama histórico e institucional mais amplo. Incluiu-se atas de conselhos, relatórios de atividades, estatísticas de membros, registros de batismos e casamentos, boletins informativos e correspondências entre líderes e membros.

A análise desses documentos pode revelar informações sobre a expansão da igreja na região, suas práticas, sua organização interna e seus relacionamentos com a comunidade local.

As documentações cartorárias também forneceram dados demográficos e familiares; certidões de casamentos podem indicar padrões de relacionamento

e alianças sociais; inventários podem oferecer insights sobre a situação econômica e os bens das famílias ligadas aos presbiterianos ou que interagiram com Zezé Cego.

A análise desses documentos exigiu rigor metodológico, considerando o contexto de produção de cada fonte, identificando possíveis vieses e triangulando as informações obtidas em diferentes tipos de documentos para ampliar o entendimento do contexto histórico e social.

As pesquisas de campo e sua ampliação contaram com fundamentais entrevistas com membros da comunidade local e/ou seus descendentes. As entrevistas foram ser semiestruturadas, permitindo a coleta de narrativas orais, memórias e percepções sobre a presença dos presbiterianos e a figura de Zezé Cego, além de entrevistas sobre os impactos no panorama social e religioso atual.

Foi importante considerar a possibilidade de vieses de memória e a influência do tempo nas narrativas. A seleção dos entrevistados foi bastante estratégica, buscando diferentes perspectivas e experiências.

A aplicação de formulários e questionários também foi útil para coletar dados mais padronizados sobre aspectos específicos, como o conhecimento atual sobre a história dos presbiterianos e de Zezé Cego na região, ou opiniões sobre o legado dessas presenças.

A elaboração desses instrumentos foi cuidadosa garantindo a clareza das perguntas e a relevância para os objetivos da pesquisa.

Com relação a ética, que foi fundamental para que a pesquisa de campo fosse conduzida com rigor, garantindo o consentimento informado dos participantes, a confidencialidade de suas informações e o respeito por suas experiências e opiniões.

A seleção das leituras será seletiva e crítica sendo feito um levantamento amplo de bibliografia pertinente ao tema e, em seguida, uma análise crítica dos materiais selecionados, buscando obras que contribuam diretamente para os objetivos da pesquisa e aprofundem a compreensão do assunto. envolve a busca em catálogos de bibliotecas, bases de dados acadêmicas, artigos científicos, livros, capítulos de livros e outras fontes relevantes para a história do protestantismo no Brasil, a história da Chapada Diamantina, estudos sobre religião e sociedade, e possivelmente biografias ou estudos sobre figuras

religiosas populares.

Como mencionado anteriormente, essa análise envolveu a avaliação da qualidade acadêmica, da relevância para a pesquisa, das diferentes abordagens teóricas e metodológicas empregadas pelos autores, e da identificação de lacunas no conhecimento que a presente dissertação busca preencher.

A partir das discussões teóricas acerca da História Oral, depreende-se como uma das contribuições deste estudo a observação desta metodologia como uma via de acesso privilegiada às experiências de distintos grupos e indivíduos que constroem suas realidades de maneira particular.

Tal aspecto possibilita a análise do passado para além de generalizações. Através da fonte oral, as representações que em outras fontes são inferidas como possibilidades são explicitadas pelo sujeito, consciente ou inconscientemente. Embora suscetíveis a distorções mnêmicas influenciadas por múltiplos fatores, esses relatos são considerados valiosos. Reconhece-se a complexidade inerente ao trabalho com a História Oral, contudo, recorreu-se a ela mediante rigor metodológico e técnico específico.

Em meio ao vasto corpo de autores e debates existentes sobre esta tipologia de fonte, destaca-se a síntese oferecida por Alberti (2004). Sua obra demonstra-se particularmente elucidativa ao analisar a evolução cronológica da História Oral no âmbito da historiografia, bem como ao apresentar discussões teóricas atualizadas que a relacionam com a memória. Adicionalmente, a autora contribui ao indicar diversos procedimentos necessários para a operacionalização do trabalho com essa modalidade de fonte.

Nesse sentido, algumas fontes memorialísticas e relatos orais mostraram-se relevantes para a elucidação de diversos questionamentos, a partir da construção de variadas representações, além de proverem informações não encontradas em atas e relatórios institucionais.

Tais fontes revelaram a perspectiva de sujeitos como Zezé Cego, que se relacionaram com a Missão, permitindo, assim, a ampliação da construção das memórias acerca das diversas relações estabelecidas em Ponte Nova.

As bibliotecas visitadas foram: Bibliotecas dos campi da Universidade do Estado da Bahia, acervo de dissertações do PPGAFIN, especialmente a dissertação de Silvia Guimarães Silva - "De figurantes a protagonistas: a influência do Instituto Ponte Nova na inserção de negros e mestiços na elite do

sertão baiano (1950 - 1970)” - que oferece um estudo de caso aprofundado sobre a influência de uma instituição na formação de uma elite intelectual na região da Chapada Diamantina, com foco nas dinâmicas sociais e raciais. Isso pode fornecer insights valiosos e um ponto de comparação para a própria pesquisa sobre a atuação dos presbiterianos e de Zezé Cego na mesma região. Tivemos também a biblioteca da Universidade Federal da Bahia, onde foi possível encontrar obras acadêmicas e especializadas sobre história, religião e a região da Chapada Diamantina e bibliotecas e arquivos oficiais das Igreja Presbiterianas da região , que onde foram identificados documentos e registros históricos relevantes para o estudo da atuação dos presbiterianos e de Zezé Cego na região.

Por fim, a Biblioteca Nacional, *online*, para acessar obras raras e acervos históricos que contribuam para a compreensão do contexto religioso e social do Brasil no século XIX.

Como recursos adicionais foram analisados jornais e periódicos da época da região da Chapada Diamantina do século XX que forneceram informações sobre eventos locais, atividades religiosas e percepções da comunidade em relação à presença dos presbiterianos e do pregador cego. Internet: A pesquisa foi complementada por recursos disponíveis *online*, incluindo bibliotecas digitais, arquivos históricos, websites de instituições religiosas e páginas oficiais de organizações relacionadas ao tema.

Salienta-se também, a grande contribuição de dois trabalhos inspiradores: O pensamento calvinista na América: A Missão Presbiteriana no Sertão da Bahia, in Histórias, memórias e estudos de religião: aspectos teóricos e questões metodológicas do Prof. Dr. Moiseis de Oliveira Sampaio e a tese de Doutorado: Educar, Curar, Salvar: uma ilha de civilização no Brasil Tropical da Profa. Dra. Ester Vilas Bôas Nascimento.

A combinação desses recursos permitiu uma pesquisa abrangente e aprofundada sobre a atuação dos presbiterianos na Chapada Diamantina e a história de Zezé Cego, fornecendo subsídios para responder aos problemas propostos e ampliar as formulações teóricas relacionadas ao tema. A articulação dessas diferentes fontes e abordagens metodológicas teve o potencial de gerar uma análise rica e aprofundada sobre a atuação dos presbiterianos e a história de Zezé Cego na Chapada Diamantina, contribuindo significativamente para a

compreensão dos fenômenos históricos e sociais relacionados ao tema.

Ao final desta jornada acadêmica, espera-se que a "luz invisível" que guiou os passos de José Araújo possa, agora, iluminar novas perspectivas sobre a dignidade humana, a força da espiritualidade sertaneja e o reconhecimento inalienável das múltiplas formas de resistência e existência.

CAPÍTULO 1 - CARACTERIZANDO O BRASIL, A BAHIA E A CHAPADA DIAMANTINA: UM MOSAICO CULTURAL, SOCIAL E RELIGIOSO

Esse capítulo tem como objetivo, contextualizar histórica e caracterizar o Brasil e a Chapada Diamantina, como sendo um mosaico cultural e religioso. O Brasil, um país de dimensões continentais, apresenta uma rica diversidade cultural e social, fruto de um processo histórico complexo e marcado por miscigenação. Essa diversidade se manifesta em diversos aspectos, como a língua, os costumes, as religiões e as etnias.

A formação do povo brasileiro envolveu a interação de três grupos étnicos principais: indígenas, europeus e africanos. Essa miscigenação deu origem a uma sociedade multicultural, com uma grande variedade de fenótipos e culturas. Como afirmam Silva e Oliveira (2010), a diversidade étnica brasileira é um reflexo da história colonial e escravista do país.

Essa mistura resultou em uma população heterogênea, com influências culturais variadas. Como afirmam Abreu e Mattos (2008), “a diversidade étnico-racial é uma característica intrínseca à nossa história”.

Apesar de sua riqueza cultural e natural, o Brasil enfrenta desafios significativos em relação à desigualdade social. A concentração de renda, o acesso desigual a serviços básicos e as disparidades regionais são problemas persistentes. Segundo dados do IBGE (2020), o coeficiente de Gini, que mede a desigualdade de renda, ainda é elevado no país. O Brasil possui a maior costa marítima das Américas, com uma rica biodiversidade marinha e uma grande variedade de ecossistemas costeiros. A Amazônia, a maior floresta tropical do mundo, ocupa 60% do território brasileiro e é considerada o "pulmão do mundo" devido à sua importância para o equilíbrio climático global.

De acordo com Freire (2003), a religiosidade é um aspecto fundamental da cultura brasileira. O país abriga uma grande variedade de religiões, sendo o catolicismo a mais predominante. No entanto, o sincretismo religioso e a diversidade de crenças são características marcantes da religiosidade brasileira.

A cultura afro-brasileira desempenha um papel fundamental na identidade nacional. A Lei 10.639/03, citada por Amâncio (2008), estabelece o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas, reconhecendo a contribuição dos afrodescendentes para a formação do país.

A Bahia, Terra de Todos os Santos e patrimônio da diversidade. É o primeiro estado brasileiro a ser colonizado pelos portugueses, possui uma rica história marcada pela influência africana. A cultura baiana é um caldeirão de diversas etnias, religiões e costumes, resultado do encontro entre indígenas, africanos e europeus. O sertão da Bahia, com sua complexidade e singularidade, tem inspirado diversos autores brasileiros a explorar essa região em suas obras literárias. De acordo com Euclides da Cunha (2002), o sertão e o povo sertanejo são caracterizados como:

“O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o homem sofredor do meio, transfigurado por uma seleção rigorosa. Traz a marca da estiagem e da fome. O aspecto é invariavelmente macilento, mirrado, haurido em suores e privações. O andar vagaroso, vacilante, como se caminhasse a esmo, ao acaso. A fala arrastada, monótona e como que prenhe de longas reflexões. O olhar, sem curiosidade, antes de desconfiado e como a perscrutar remotas cousas, num enigma impenetrável. Revela a incerteza do que existe e a certeza do que virá. A sua vida é uma longa espera.”

O sincretismo religioso, que combina elementos do catolicismo com crenças africanas, é uma das marcas mais distintivas da Bahia. O candomblé, o umbanda e outras religiões de matriz africana são praticadas por uma parcela significativa da população baiana, especialmente nas regiões metropolitanas e do Recôncavo (Abreu e Mattos, 2008).

De acordo com Sampaio (2007), podemos pensar a região como um território culturalmente ocupado, delimitado por fronteiras “porosas”, onde as inter-relações com outras, vão ao longo do tempo conferindo características próprias que não a distingue totalmente do nacional, mas lhe dão unidade ao ponto de ser reconhecida.

A região da Chapada Diamantina, localizada no sertão da Bahia, também carrega em si a herança cultural africana. A presença de comunidades potencialmente reconhecidas como quilombolas na região, descendentes de escravos que fugiram ou foram libertados das fazendas, é um exemplo da resistência negra e da importância da cultura africana na formação da identidade baiana.

A Chapada Diamantina é uma região de grande beleza natural, com cachoeiras, cânions, cavernas e uma rica biodiversidade. A exploração de diamantes no século XVIII impulsionou o desenvolvimento da região, atraindo

imigrantes de diversas partes do Brasil e do mundo.

Além de sua beleza natural, a Chapada Diamantina possui um rico patrimônio histórico e cultural. A presença de comunidades quilombolas, indígenas e de descendentes de europeus e asiáticos confere à região uma grande diversidade cultural.

Conforme Solon (2020), até a chegada dos colonos, a Chapada Diamantina foi habitada por povos indígenas do tronco macro-jê, conhecidos como tapuias, principalmente os cariris. O estilo de vida desses povos era nômade ou seminômade, com a extração de frutos locais (como umbu), caça, pesca e cultivo de plantas como amendoim, batata-doce e mandioca.

Ao longo da colonização da Chapada, os povos indígenas foram vistos como bárbaros e foram perseguidos, catequisados, forçados ao aldeamento e vítimas de outras formas de assimilação ou aniquilação. Para darem lugar aos empreendimentos feitos durante a expansão lusitana do território, como a construção de fazendas, currais e garimpos.

Exauridas as minas de diamantes, esgotadas as madeiras-de-lei e os solos anteriormente férteis e agora ressequidos, abrasados pelo fogo e improdutivos, as cidades e povoados da Chapada Diamantina mergulharam em profunda e longa depressão econômica

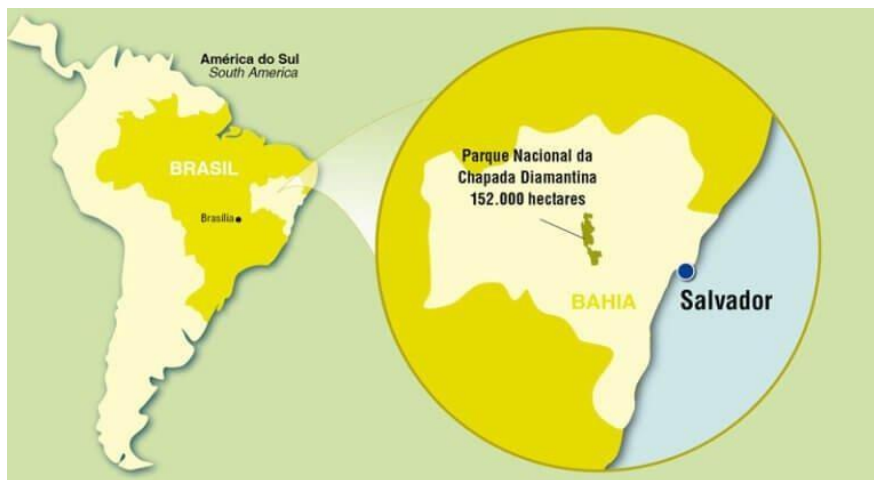
No contexto desta pesquisa, a Chapada Diamantina representa um campo de estudo para se analisar a relação entre religião e meio ambiente, a interação entre diferentes grupos étnicos e as influências culturais, sociais e religiosas na vida das comunidades locais.

Conforme texto original do livro - O Rio de S. Francisco e a Chapada Diamantina: Trechos de um diário de viagem (1879-80) (Sampaio, Theodoro. 1905):

O aspecto da zona diamantina é o de uma região alta, com largos trechos planos nos intervallos de serranias asperas, beras, abundantemente irrigados na metade sul. Os rios e ribeiros são ahi numerosos, e os que são propriamente diamantinos trazem as suas aguas escuras, ou amarello-topasio quando tomadas em pouca quantidade. Por isso são frequentes as denominações como: rio Negro, rio Preto, rio Una (Preto), applicadas ás correntes d'agua escura que descem das serras escarpadas e rolam no seu leito de cascalho as pedras preciosas que foram out'ora o único incentivo para se povoarem estes logares tão pouco férteis, sob o ponto de vista agrícola. O Paraguassú que é propriamente o rio diamantino, pois que nelle ou no leito dos seus numerosos tributarios é que descobriram as lavras mais ricas e productivas de diamante, merece aqui mais particular referencia. Nasce este rio, no logar Farinha Molhada, na vertente occidental do Morro do Ouro, na Serra do Cocal, cerca de 24

kilômetros a oeste do arraial do Sincorá corre ao norte, recebendo pela esquerda: o Riachão que traz as águas dos ribeiros Paulista e Estira, o Roncador, o Sumidouro; o Alparcata, que vem do logar Baixa Verde, 12 quilômetros ao norte do Tanquinho corre a princípio para o norte e fazendo grande curva com que collecciona as águas do Tamandua, dos Veados, do Catinga Grande, pela esquerda e do S. Pedro pela direita, faz barra no Paraguassú ao penetrar este na garganta do Comercio de Fora. Até este ponto, o curso do Paraguassú se faz através dos campos geraes, e não se lhe encontraram diamantes, ainda que não faltem indícios seguros delles em muitos dos affluentes que descem das proximidades da Serra do Gogáu e do Sincora. Depois de penetrar na garganta do Comercio de Fora, o leito do Paraguassú se torna francamente diamantino. Proseguindo então através de montes escarpados e nús, dando saltos successivos, formando poços, sumindo-se por baixo de extensos lagedos que dão passagem a pé enxuto de uma para outra margem, o rio com as suas águas escuras e impetuosas vae sendo engrossado a curtos intervallos por numerosos tributarios, todos diamantinos. Assim é que recebe pela esquerda logo depois de entrar na garganta, o rio Preto que desce impetuoso da serra do mesmo nome com um curso de cerca de 30 quilômetros; o pequeno riacho do Moreira entrou pouco antes pela direita; o riacho das Combucas que traz as águas do Mucuge, ambos nascidos na Serra da Chapadinha.

Fig.1 - A Chapada Diamantina



Fonte: Gráfico do autor

1.1. As condições socioeconômicas da chapada diamantina entre 1930 e 1950: do declínio da mineração à busca por novas perspectivas

A Chapada Diamantina, localizada no coração da Bahia, possui uma história socioeconômica intrinsecamente ligada à exploração mineral. Se no século XIX a região experimentou um período de grande prosperidade com o ciclo do diamante, as décadas de 1930 a 1950 foram marcadas por significativas transformações, caracterizadas pelo declínio da mineração e a busca por novas atividades econômicas.

Com o esgotamento das jazidas de diamante de fácil acesso e a crise econômica mundial de 1929, a outrora pujante economia da Chapada Diamantina entrou em um período de retração. A principal atividade econômica, que havia atraído um fluxo migratório considerável e impulsionado o surgimento de centros urbanos como Lençóis e Mucugê (Giudice, s.d.), viu sua importância diminuir drasticamente. A população, antes envolvida na extração e no comércio de diamantes, enfrentou o desemprego e a falta de perspectivas.

Segundo dados históricos, a produção diamantífera na Chapada já apresentava sinais de declínio no final do século XIX (Guia da Chapada Diamantina, s.d.). No entanto, foi nas décadas de 1930 e 1940 que essa tendência se acentuou, impactando diretamente a vida da população local. A ausência de uma diversificação econômica significativa tornava a região vulnerável à instabilidade do mercado de minerais.

Nesse contexto de crise, a população da Chapada Diamantina buscou alternativas para a sua subsistência. A agricultura de subsistência, que sempre coexistiu com a mineração, ganhou maior relevância, embora os solos da região, em geral, não fossem os mais férteis (Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados, s.d.). A pecuária também representava uma atividade importante, ainda que em menor escala em comparação com a mineração em seu auge (Chapada Diamantina - Ba.gov, s.d.).

Um ponto a ser destacado é a descoberta e a exploração do carbonato, conhecido como "diamante negro", no final do século XIX e início do século XX. Essa atividade chegou a reaquecer parcialmente a economia regional, impulsionada pela sua utilização na indústria (IPHAN, s.d.; Guia da Chapada Diamantina, s.d.). Contudo, a exploração do carbonato não conseguiu substituir a magnitude econômica do ciclo do diamante e entrou em declínio por volta da década de 1940 (Chapada Diamantina - Ba.gov, s.d.).

A infraestrutura da região, que havia se desenvolvido timidamente durante o ciclo do diamante, não recebeu investimentos significativos nesse período de declínio. As estradas eram precárias, dificultando o escoamento da produção agrícola e a comunicação entre os municípios. Os serviços básicos, como saúde e educação, eram limitados, refletindo a fragilidade econômica da região.

Com o progressivo declínio da mineração de diamantes e, posteriormente, do carbonato, a população da Chapada Diamantina enfrentou um cenário de

incertezas e dificuldades para garantir sua sobrevivência entre as décadas de 1930 e 1950. A outrora promissora atividade extrativa, que havia sustentado muitas famílias e impulsionado o desenvolvimento de alguns centros urbanos, já não oferecia as mesmas oportunidades.

A transição para novas formas de subsistência foi marcada por desafios significativos, impactando diretamente o cotidiano e a qualidade de vida dos habitantes da região. A principal consequência do fim da pujança da mineração foi o aumento do desemprego. Muitos indivíduos que dependiam diretamente da extração ou de atividades correlatas, como o comércio e os serviços ligados ao garimpo, viram-se sem sua principal fonte de renda.

Esse cenário levou a um êxodo populacional, com pessoas buscando melhores condições de vida em outras regiões do Brasil (Giudice, s.d.). Aqueles que permaneceram na Chapada tiveram que se adaptar a uma nova realidade econômica.

A agricultura de subsistência emergiu como uma alternativa crucial para a sobrevivência de muitas famílias. Pequenas roças, cultivadas com técnicas rudimentares, passaram a ser a principal fonte de alimento. No entanto, a qualidade dos solos da Chapada, frequentemente pedregosos e pouco férteis, limitava a produtividade agrícola (Biblioteca digital da Câmara dos Deputados, s.d.). A dependência das condições climáticas tornava a produção ainda mais instável, expondo a população a períodos de escassez.

A pecuária, praticada em menor escala, também contribuía para a subsistência, fornecendo carne e leite. Contudo, a criação de gado não era generalizada e não possuía a capacidade de absorver a grande massa de trabalhadores que perderam seus empregos na mineração.

A falta de infraestrutura adequada agravava a situação. As estradas precárias dificultavam o transporte de mercadorias e a comunicação entre as comunidades, limitando o desenvolvimento de um comércio mais robusto de produtos agrícolas ou artesanais. O acesso a serviços básicos como saúde e educação era restrito, especialmente nas áreas mais remotas, perpetuando um ciclo de pobreza e falta de oportunidades.

Nesse período, a solidariedade comunitária e os laços familiares desempenharam um papel fundamental na manutenção da vida. Trocas de produtos, auxílio mútuo e a manutenção de tradições culturais ajudavam a

mitigar os efeitos da crise econômica. A resiliência da população da Chapada Diamantina diante das adversidades é um aspecto importante a ser considerado.

Apesar dos esforços para diversificar a economia com a agricultura e a pecuária, a transição não foi imediata nem totalmente bem-sucedida. A ausência de políticas públicas direcionadas para a região e a falta de investimentos em novas atividades econômicas prolongaram o período de dificuldades. A população da Chapada Diamantina, acostumada com a relativa prosperidade do ciclo do diamante, experimentou um período de significativas privações e uma luta constante pela sobrevivência.

Em suma, o fim do período da mineração na Chapada Diamantina entre 1930 e 1950 impôs duras condições à população. O desemprego, a busca por alternativas na agricultura de subsistência e na pecuária, as limitações da infraestrutura e a escassez de serviços básicos marcaram esse período. A resiliência da comunidade e os laços sociais foram cruciais para enfrentar as dificuldades, enquanto a região buscava um novo caminho para o seu desenvolvimento socioeconômico.

Desta maneira, as condições socioeconômicas da Chapada Diamantina entre 1930 e 1950 foram caracterizadas por um período de transição, marcado pelo declínio da mineração como principal motor econômico. A população buscou alternativas na agricultura e na pecuária, enquanto a exploração do carbonato ofereceu um alívio temporário. A falta de diversificação econômica e de investimentos em infraestrutura refletiu-se nas condições de vida da população. Este período representou um hiato entre o apogeu da mineração e o surgimento de novas perspectivas econômicas que viriam a se consolidar nas décadas seguintes, como o turismo.

CAPÍTULO 2 - A PRESENÇA PRESBITERIANA NA CHAPADA DIAMANTINA NO INÍCIO DO SÉCULO XX: INFLUÊNCIAS RELIGIOSAS, EDUCACIONAIS E SOCIOECONÔMICAS.

Esse capítulo tem como objetivo descrever e analisar os princípios fundamentais e a atuação da Igreja Presbiteriana. Que está inserida na tradição da Reforma Protestante do século XVI, possui um conjunto de princípios doutrinários e eclesiásticos bem definidos que moldam sua identidade e prática religiosa. Originada na Escócia, com a liderança de John Knox, o presbiterianismo se espalhou pelo mundo, chegando ao Brasil em meados do século XIX. A compreensão de seus princípios é essencial para a análise de sua influência religiosa, social e histórica.

Um dos primeiros e mais proeminentes teólogos a influenciar profundamente a formulação do pensamento de João Calvino foi Agostinho de Hipona, destacado intelectual e figura central da Igreja no século V. A teologia agostiniana, caracterizada pela defesa intransigente da autoridade suprema das Escrituras, bem como pela ênfase na graça divina e na soberania absoluta de Deus, exerceu papel decisivo na elaboração das categorias fundamentais do calvinismo. Tais concepções foram assimiladas e reelaboradas por Calvino, que, de modo igualmente rigoroso, advogou a centralidade normativa das Escrituras como única regra de fé e prática.

Além disso, a influência agostiniana se manifesta de forma notória na apropriação calvinista da doutrina do pecado original e, correlativamente, na concepção da necessidade imprescindível da graça divina para a consecução da salvação (Berkhof, 2015).

Outro pensador cuja contribuição foi igualmente significativa para a constituição da teologia calvinista foi Pedro Valdo, fundador do movimento valdense no século XII. A partir de uma crítica à tradição eclesiástica dominante, Valdo sustentou a primazia exclusiva das Escrituras como fonte normativa e autorizativa para a vida cristã, princípio este que foi integralmente acolhido e radicalizado por Calvino em sua insistência na autoridade bíblica.

Ademais, Valdo destacou a importância da pregação da Palavra de Deus e da vivência de uma vida marcada pela piedade como expressões autênticas do cristianismo. Esses pressupostos foram incorporados por Calvino não apenas na defesa da pregação expositiva das Escrituras como elemento estruturante da

prática eclesial, mas também na valorização da santidade como dimensão essencial da existência cristã (Berkhof, 2015).

Conforme Sampaio (2025) o pensamento calvinista fundamenta-se em princípios teológicos e doutrinários que orientaram significativamente sua ação proselitista. Tais fundamentos podem ser sintetizados em três dimensões inter-relacionadas: a salvação da alma, o crescimento espiritual e o cuidado com o corpo.

A primeira dimensão, concernente à salvação da alma, evidencia a concepção calvinista de que a salvação é um ato soberano de Deus, determinado pela predestinação desde a eternidade. De acordo com essa perspectiva, Deus, em sua soberania, elege antecipadamente aqueles que serão salvos e aqueles que serão condenados. Nesse contexto, a ação proselitista calvinista visava identificar e conduzir os eleitos à salvação, mediante a pregação do evangelho e o ensino sistemático das doutrinas calvinistas (Sampaio, 2025).

A segunda dimensão refere-se ao crescimento espiritual, que ressalta a centralidade da educação e do conhecimento na busca pela santificação. Os calvinistas atribuíam elevado valor à instrução religiosa e à leitura das Escrituras como instrumentos indispensáveis para o fortalecimento da fé e para a compreensão dos ensinamentos divinos.

Para esse fim, dedicaram-se à criação de escolas e instituições educacionais, concebidas como espaços de formação teológica e bíblica. Tal investimento visava constituir indivíduos comprometidos com os princípios reformados, aptos a vivenciar uma existência pautada pela piedade e pela disciplina cristã (Sampaio, 2025).

A terceira dimensão, por sua vez, diz respeito ao cuidado com o corpo, entendido como uma criação divina e, conseqüentemente, como templo do Espírito Santo. O pensamento calvinista reconhece que o zelo pelo corpo configura uma responsabilidade moral, na medida em que a saúde física é considerada essencial ao bem-estar espiritual. Por esse motivo, os calvinistas se dedicaram à fundação de hospitais e ao desenvolvimento de obras assistenciais, prestando cuidados médicos e oferecendo apoio aos necessitados (Sampaio, 2025).

Ademais, valorizavam o trabalho diligente e responsável como expressão da vocação humana para glorificar a Deus e contribuir para o progresso e a

ordem social. Dessa maneira, observa-se que a ação proselitista calvinista transcendeu a mera propagação doutrinária, estruturando-se como um projeto abrangente que articulava aspectos espirituais, intelectuais e sociais em consonância com sua visão teológica (Sampaio, 2025).

No cerne da teologia presbiteriana reside a adesão à Confissão de Fé de Westminster e aos Catecismos Maior e Breve, documentos confessionais produzidos no século XVII que sistematizam a doutrina reformada. A Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), em sua história, sempre reafirmou sua lealdade a esses padrões doutrinários (Presbiterianos do Brasil, 2012). Entre os princípios doutrinários centrais, destacam-se:

- **Sola Scriptura (Somente a Escritura):** A Bíblia Sagrada é a única regra infalível de fé e prática. Todas as doutrinas e ações da igreja devem estar fundamentadas nas Escrituras, interpretadas em seu sentido histórico-gramatical e à luz da totalidade do cânon bíblico (Berkhof, 2021).
- **Solus Christus (Somente Cristo):** Jesus Cristo é reconhecido como o único mediador entre Deus e os homens, o único Salvador e Senhor. A salvação é alcançada unicamente através da fé em sua pessoa e obra redentora, sem a necessidade de outras mediações ou méritos humanos (Wright, 2018).
- **Sola Gratia (Somente a Graça):** A salvação é um dom gratuito de Deus, concedido por sua graça soberana. Os seres humanos, em seu estado de pecado, são incapazes de se salvarem por seus próprios esforços. A iniciativa e a eficácia da salvação pertencem inteiramente a Deus (Swindoll, 2011).
- **Sola Fide (Somente a Fé):** A justificação, ou seja, a declaração de justiça diante de Deus, é recebida unicamente pela fé em Jesus Cristo. As boas obras são frutos necessários da fé genuína, mas não contribuem para a justificação (Bainton, 1990).
- **Soli Deo Gloria (Glória Somente a Deus):** O propósito supremo de todas as coisas, incluindo a salvação, é a glória de Deus. Todas as ações da igreja e dos crentes devem ser direcionadas para honrar e glorificar o nome do Senhor (IIDA, 2005).
- **Soberania de Deus:** A Igreja Presbiteriana enfatiza a soberania absoluta de Deus em todas as áreas da criação e da redenção. Deus governa o

universo e dirige a história de acordo com seu eterno propósito. Essa doutrina traz conforto e segurança aos crentes, pois reconhecem que Deus está no controle de todas as coisas (Calvino, 2017).

- Doutrina da Trindade: A crença em um único Deus que subsiste em três pessoas distintas: Pai, Filho e Espírito Santo. Cada pessoa da Trindade é plenamente Deus, possuindo os mesmos atributos divinos, mas desempenhando papéis distintos na obra da criação, redenção e santificação.

O sistema de governo da Igreja Presbiteriana é caracterizado pela representatividade e pela autoridade dos presbíteros. A denominação "presbiteriana" deriva da palavra grega "presbyteros," que significa ancião ou presbítero. O governo é exercido em diferentes níveis (local, regional e nacional) por oficiais eleitos pela comunidade da fé (Conhecendo o governo da Igreja Presbiteriana do Brasil, [s.d.]). Os principais elementos do governo presbiteriano incluem:

- Presbíteros Regentes: São membros da igreja eleitos pela congregação para exercerem liderança espiritual e administrativa na igreja local. Juntamente com o pastor (presbítero docente), formam o Conselho da Igreja, responsável pela direção da vida eclesial.
- Presbíteros Docentes (Pastores): São ministros ordenados, chamados para o serviço integral da Palavra e dos sacramentos. Eles também atuam como membros do Conselho da Igreja e possuem responsabilidades específicas na pregação, ensino e pastoreio.
- Presbitérios: São órgãos regionais compostos por pastores e presbíteros regentes de diversas igrejas locais em uma determinada área geográfica. Os presbitérios têm autoridade sobre as igrejas locais, supervisionando seus ministérios, examinando candidatos ao ministério e resolvendo questões disciplinares.
- Sínodos: São órgãos de nível intermediário, geralmente compostos por representantes de vários presbitérios em uma região mais ampla. Suas funções incluem o exame e julgamento de recursos de decisões dos presbitérios e a promoção da unidade e cooperação entre as igrejas.
- Supremo Concílio: É o órgão máximo da Igreja Presbiteriana do Brasil, reunindo representantes de todos os presbitérios do país. O Supremo

Concílio define as diretrizes gerais da denominação, legisla sobre questões doutrinárias e eclesásticas e promove a missão da igreja em âmbito nacional.

Esse sistema de governo busca garantir a participação dos membros da igreja nas decisões, ao mesmo tempo em que reconhece a autoridade bíblica dos presbíteros para liderar e pastorear o rebanho de Jesus Cristo.

A Igreja Presbiteriana reconhece dois sacramentos instituídos por Jesus Cristo: o Batismo e a Ceia do Senhor (ou Santa Ceia). Esses ritos são considerados sinais visíveis e selos da graça de Deus, instituídos para representar e conferir os benefícios da aliança da graça aos crentes (Catecismo Maior de Westminster, [s.d.]), como sendo:

- Batismo: É um sinal de iniciação na comunidade da fé e um símbolo da união com Cristo em sua morte e ressurreição. É administrado com água em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e pode ser tanto de adultos que professam sua fé quanto de crianças filhas de pais crentes, como sinal da promessa da aliança de Deus que se estende às famílias.
- Ceia do Senhor: É um memorial da morte sacrificial de Jesus Cristo e um meio de comunhão espiritual com Ele e com os demais crentes. Os participantes compartilham do pão e do vinho, que simbolizam o corpo e o sangue de Cristo, reafirmando sua fé e sua participação nos benefícios da sua redenção. A Ceia do Senhor é geralmente celebrada regularmente nas igrejas presbiterianas.

A compreensão presbiteriana dos sacramentos enfatiza a sua natureza simbólica e espiritual, diferenciando-se de outras tradições cristãs que podem atribuir-lhes uma eficácia automática ou uma presença física literal de Cristo nos elementos.

Os princípios da Igreja Presbiteriana, alicerçados na centralidade das Escrituras, na soberania de Deus, na salvação pela graça mediante a fé em Jesus Cristo e em um sistema de governo representativo liderado por presbíteros, formam um corpo doutrinário e eclesástico coeso e distintivo.

A adesão à Confissão de Fé de Westminster e aos seus padrões doutrinários garante a continuidade de sua tradição teológica reformada. A estrutura de governo presbiteriano busca equilibrar a autoridade e a participação dos membros, promovendo uma igreja ordenada e engajada na proclamação do

Evangelho e no serviço ao Reino de Deus. A correta compreensão desses princípios é fundamental para a apreciação da identidade e do legado da Igreja Presbiteriana no cenário religioso contemporâneo.

2.1. A presença presbiteriana na chapada diamantina no início do século XX: influências religiosas, educacionais e socioeconômicas.

A região montanhosa da Chapada Diamantina, no interior da Bahia, presenciou no início do século XX a consolidação da presença presbiteriana, um movimento religioso que, para além da esfera espiritual, exerceu notável influência nos âmbitos educacional e socioeconômico da região. A chegada e o estabelecimento dos presbiterianos trouxeram consigo novas perspectivas religiosas e práticas sociais que impactaram significativamente o cotidiano das comunidades locais.

A implantação do presbiterianismo na Chapada Diamantina, inserida no contexto da expansão missionária protestante no Brasil, não se restringiu à propagação de uma nova doutrina religiosa. Como apontam diversos estudos, a atuação missionária frequentemente se associava à implementação de instituições que visavam o desenvolvimento social (Giddens, 2005).

Nesse sentido, os presbiterianos, seguindo um padrão histórico de outras missões protestantes, dedicaram-se à criação de escolas e à prestação de serviços de saúde, preenchendo lacunas existentes e introduzindo modelos até então pouco comuns na região.

Assim, a ação proselitista calvinista não se limitava exclusivamente à disseminação de suas doutrinas religiosas, mas caracterizava-se por uma abordagem de caráter holístico, que visava atender tanto às necessidades espirituais quanto às dimensões físicas e sociais dos indivíduos. Por meio da fundação de igrejas, escolas e hospitais, os calvinistas almejavam estabelecer uma estrutura que possibilitasse aos convertidos a vivência plena dos princípios calvinistas em todas as esferas da vida, ao mesmo tempo em que promoviam o bem-estar coletivo das comunidades onde exerciam sua influência (Nicodemus, 2006).

Na esfera da educação, a atuação presbiteriana foi marcante. A fundação de escolas, muitas vezes iniciadas de forma modesta, representou um acesso à instrução para uma parcela da população que, de outra forma, teria oportunidades limitadas. Essas instituições, frequentemente com uma proposta

pedagógica diferenciada, que valorizava a leitura, a escrita e, em alguns casos, o ensino de ofícios, contribuíram para a formação de indivíduos e para a disseminação de novos conhecimentos (Ribeiro, 1991).

A ênfase na educação, para os presbiterianos, estava intrinsecamente ligada à sua compreensão da fé e à necessidade de que os fiéis pudessem ler e interpretar as Escrituras, mas seus efeitos transcenderam o âmbito religioso, alcançando o desenvolvimento intelectual e social das comunidades onde se estabeleceram.

No campo da saúde pública, a influência presbiteriana também se fez sentir. Em um período em que o acesso a serviços médicos era precário no interior do Brasil, a chegada de missionários com formação em saúde e a eventual criação de postos de atendimento e pequenas clínicas representaram um avanço significativo.

Conforme, Nascimento (2005):

Em 1916, chegara à Estação Ponte Nova o médico e cirurgião Walter Welcome Wood com sua primeira esposa, a enfermeira Grace Brown Wood, para atuarem na estação missionária de Ponte Nova. Nascido em 8 de setembro de 1883, na Califórnia, era médico cirurgião, formado em 1915, pela Leland Stanford University, no mesmo Estado. Três anos depois de sua chegada ao Brasil, revalidou seu diploma na Faculdade de Medicina da Bahia, defendendo tese em Medicina Geral, Cirurgia, Obstetrícia e Oftalmologia. Foi o primeiro médico missionário da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos enviado para a América do Sul. Em 1922, fez especialização em medicina tropical, na London School of Tropical Medicine. Trabalhou na Missão até 1954.

Essas iniciativas, muitas vezes motivadas por uma visão de serviço ao próximo e de cuidado integral do ser humano, contribuíram para a melhoria das condições de saúde da população local (Freston, 1993). A atuação na área da saúde, assim como na educação, demonstrava o engajamento dos presbiterianos com o bem-estar das comunidades onde atuavam, indo além da pregação religiosa.

Ainda de acordo com Nascimento (2025):

O primeiro hospital da região da Chapada Diamantina, oferecia os seguintes serviços, distribuídos em quatro pavilhões: clínica médica, cirurgia, obstetrícia, pediatria, ginecologia, urologia, Raio-X, diatermia e laboratório. O hospital possuía enfermarias masculina e feminina,

apartamentos particulares, sala de parto e de cirurgia. Os banheiros, a lavanderia e a cozinha ficavam num prédio em separado. Havia também uma área destinada ao isolamento para doenças infectocontagiosas. O gabinete médico-biométrico, instalado no Grace Memorial Hospital, possuía o seguinte aparelhamento: uma balança, aparelho para medir a estatura, outro para medir a pressão arterial, além de fichas médico biométricas.

A presença presbiteriana na região montanhosa da Chapada Diamantina no início do século XX deixou um legado que ultrapassa a dimensão religiosa. Sua atuação na educação, com a fundação de escolas que proporcionaram novas oportunidades de aprendizado, e na saúde pública, com a introdução de serviços de atendimento médico, demonstra uma influência socioeconômica relevante. A análise desse período revela como a fé e a ação social se entrelaçaram, moldando aspectos importantes do desenvolvimento da região.

2.2. Os presbiterianos na região montanhosa da chapada diamantina no início do século XX.

A implantação do presbiterianismo na Chapada Diamantina, inserida no contexto da expansão missionária protestante no Brasil, não se restringiu à propagação de uma nova doutrina religiosa. Como apontam diversos estudos, a atuação missionária frequentemente se associava à implementação de instituições que visavam o desenvolvimento social (Giddens, 2005).

Nesse sentido, os presbiterianos, seguindo um padrão histórico de outras missões protestantes, dedicaram-se à criação de escolas e à prestação de serviços de saúde, preenchendo lacunas existentes e introduzindo modelos até então pouco comuns na região.

Na esfera da educação, a atuação presbiteriana foi marcante. A fundação de escolas, muitas vezes iniciadas de forma modesta, representou um acesso à instrução para uma parcela da população que, de outra forma, teria oportunidades limitadas. Essas instituições, frequentemente com uma proposta pedagógica diferenciada, que valorizava a leitura, a escrita e, em alguns casos, o ensino de ofícios, contribuíram para a formação de indivíduos e para a disseminação de novos conhecimentos (Ribeiro, 1991).

A ênfase na educação, para os presbiterianos, estava intrinsecamente ligada à sua compreensão da fé e à necessidade de que os fiéis pudessem ler e

interpretar as Escrituras, mas seus efeitos transcenderam o âmbito religioso, alcançando o desenvolvimento intelectual e social das comunidades onde se estabeleceram.

No campo da saúde pública, a influência presbiteriana também se fez sentir. Em um período em que o acesso a serviços médicos era precário no interior do Brasil, a chegada de missionários com formação em saúde e a eventual criação de postos de atendimento e pequenas clínicas representaram um avanço significativo. Essas iniciativas, muitas vezes motivadas por uma visão de serviço ao próximo e de cuidado integral do ser humano, contribuíram para a melhoria das condições de saúde da população local (Freston, 1993).

A atuação na área da saúde, assim como na educação, demonstrava o engajamento dos presbiterianos com o bem-estar das comunidades onde

Inspirados por uma teologia que frequentemente enfatiza a importância da instrução e do cuidado com o próximo, os missionários e as instituições presbiterianas dedicaram-se à criação de escolas e à prestação de serviços de saúde, iniciativas que deixaram um legado duradouro na região.

A motivação para o investimento em educação por parte dos presbiterianos pode ser compreendida dentro de um contexto teológico e histórico mais amplo. Como argumenta Bainton (1995), a Reforma Protestante, da qual o presbiterianismo é um ramo, historicamente valorizou o acesso direto às Escrituras, o que, por sua vez, impulsionou a necessidade de alfabetização.

No contexto missionário brasileiro, essa ênfase na leitura bíblica traduziu-se na fundação de escolas como um meio não apenas de instruir na fé, mas também de capacitar os indivíduos para uma participação mais plena na sociedade.

Na Chapada Diamantina, essa dedicação à educação manifestou-se na criação de instituições de ensino que, muitas vezes, representavam as primeiras oportunidades formais de aprendizado para muitas crianças e adultos. Essas escolas, frequentemente iniciadas em espaços modestos e com recursos limitados, ofereciam um currículo que ia além do ensino religioso, abrangendo leitura, escrita, matemática e, em alguns casos, noções de outras disciplinas. A metodologia de ensino, por vezes inovadora para a época, buscava estimular o pensamento crítico e a autonomia dos alunos (Cunha, 2009). A presença dessas escolas presbiterianas não apenas alfabetizou indivíduos, mas também

contribuiu para a formação de lideranças locais e para a disseminação de valores como a disciplina e o trabalho.

A metodologia de ensino utilizada pelos presbiterianos no início do século XX, considerada por vezes inovadora para a época, buscava estimular o pensamento crítico e a autonomia dos alunos de diversas maneiras. Essa abordagem contrastava, em muitos casos, com os métodos mais tradicionais e passivos de aprendizado que predominavam no cenário educacional brasileiro daquele período.

Uma das formas pelas quais o pensamento crítico era incentivado era através da ênfase na leitura e interpretação das Escrituras. Para os presbiterianos, o acesso direto à Bíblia era fundamental, o que naturalmente fomentava a necessidade de os alunos desenvolverem habilidades de leitura compreensiva e de interpretação textual.

Ao invés de apenas receberem doutrinas prontas, os estudantes eram encorajados a ler e a formar suas próprias conclusões a partir dos textos bíblicos, o que, por extensão, poderia influenciar sua abordagem a outros tipos de textos e informações (Nascimento, 2006). Essa prática de análise textual, mesmo centrada inicialmente em textos religiosos, cultivava habilidades de questionamento e de formulação de opiniões.

Além disso, algumas escolas presbiterianas adotavam métodos de ensino mais participativos. Em vez de aulas puramente expositivas e memorização, havia espaço para discussões em sala de aula e para a colocação de perguntas pelos alunos. Essa interação ativa com o conteúdo e com o professor estimulava a reflexão e a capacidade de argumentação, elementos cruciais para o desenvolvimento do pensamento crítico (Freire, 1996).

Ao serem encorajados a expressar suas ideias e a debater diferentes perspectivas, os alunos aprendiam a analisar informações de forma mais aprofundada e a construir seus próprios entendimentos.

A autonomia era fomentada, em parte, pela valorização da educação como um processo contínuo e individual. A ideia de que cada indivíduo era responsável por sua própria jornada de aprendizado, tanto na fé quanto no conhecimento secular, incentivava os alunos a serem mais proativos em sua busca por saber. A ênfase na leitura e no estudo pessoal, incentivada pela

necessidade de compreender as Escrituras, também contribuía para o desenvolvimento da autonomia intelectual.

Outro aspecto relevante era a possível introdução de currículos mais amplos em algumas dessas escolas, que incluíam não apenas o ensino religioso, mas também ciências, agricultura, história e outras áreas do conhecimento. Essa diversidade de temas expunha os alunos a diferentes formas de pensar e a diferentes perspectivas sobre o mundo, o que naturalmente estimulava a capacidade de análise e de formação de juízos mais complexos (Romanelli, 1978).

É importante notar que a extensão e a profundidade dessas práticas pedagógicas inovadoras podiam variar entre as diferentes escolas e os diferentes missionários. No entanto, a filosofia subjacente de valorização da leitura, da interpretação e do engajamento ativo dos alunos com o conhecimento tendia a favorecer o desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia, mesmo que de forma incipiente em alguns contextos.

A metodologia de ensino presbiteriana no início do século XX, ao enfatizar a leitura e interpretação, promover a participação em sala de aula, valorizar o aprendizado individual e, possivelmente, oferecer currículos mais diversificados, buscava ir além da mera transmissão de informações. Seu objetivo era cultivar nos alunos a capacidade de pensar por si mesmos e de se tornarem aprendizes autônomos, habilidades essenciais para o desenvolvimento do pensamento crítico.

Além da educação formal, a influência presbiteriana também se estendeu à saúde pública, um campo onde a carência de serviços era notória no interior do Brasil no início do século XX. Movidos por uma ética de serviço e pela compreensão da saúde como um aspecto integral do bem-estar humano, missionários com formação médica ou paramédica estabeleceram postos de atendimento, dispensários e, em alguns casos, pequenas clínicas. Essas iniciativas representavam um alívio significativo para comunidades frequentemente isoladas e desprovidas de assistência médica básica (Teixeira, 2003).

A atuação na área da saúde pelos presbiterianos ia além do tratamento de doenças. Envolveria também a promoção de práticas de higiene e saneamento, a educação preventiva e, em muitos casos, um cuidado holístico que

considerava as necessidades físicas, emocionais e espirituais dos indivíduos. A figura do missionário médico ou da enfermeira missionária tornou-se um símbolo de esperança e cuidado em muitas localidades da Chapada Diamantina, oferecendo não apenas tratamento para enfermidades, mas também conforto e apoio em momentos de vulnerabilidade.

A interligação entre a atuação na educação e na saúde demonstrava uma visão integrada do desenvolvimento humano por parte dos presbiterianos. Uma população mais instruída tendia a ter melhores condições de saúde, e indivíduos saudáveis eram mais capazes de aproveitar as oportunidades educacionais. Essa sinergia entre os dois campos de atuação contribuiu para um impacto social mais amplo e duradouro na região.

É importante ressaltar que essa atuação não estava isenta de desafios e, por vezes, de tensões com as estruturas sociais e religiosas preexistentes. No entanto, a persistência e a dedicação dos presbiterianos na criação e manutenção de escolas e serviços de saúde na Chapada Diamantina no início do século XX, inegavelmente contribuíram para o progresso social e para a melhoria da qualidade de vida de muitas pessoas. Seu legado permanece visível nas instituições que fundaram e nos valores que disseminaram, marcando um capítulo importante na história da região.

A dedicação dos presbiterianos à criação de escolas e à prestação de serviços de saúde na Chapada Diamantina no início do século XX reflete um compromisso que transcendia a mera propagação religiosa. Fundamentada em princípios teológicos e em uma visão de serviço ao próximo, essa atuação gerou impactos significativos na educação e na saúde pública, contribuindo para o desenvolvimento social e para o bem-estar das comunidades locais. O legado dessas iniciativas perdura, testemunhando a influência transformadora da fé engajada com as necessidades práticas da sociedade.

O legado das iniciativas de educação e saúde promovidas pelos presbiterianos na Chapada Diamantina, no início do século XX perdurou de maneiras significativas, testemunhando o poder transformador de uma fé engajada com as necessidades práticas da sociedade da época.

Na educação, as sementes plantadas pelas escolas presbiterianas germinaram em diversas direções. Os indivíduos que tiveram a oportunidade de estudar nessas instituições, muitas vezes pioneiras em suas localidades,

carregaram consigo não apenas o conhecimento formal, mas também os valores de disciplina, autonomia e a visão de mundo mais ampla que lhes foi proporcionada. Alguns se tornaram líderes em suas comunidades, outros seguiram para outras regiões, levando consigo uma formação que os diferenciava.

As próprias escolas, em alguns casos, serviram de modelo para o desenvolvimento de outras instituições de ensino na região, influenciando as práticas pedagógicas e a importância atribuída à instrução (Nascimento, 2006). O simples fato de terem oferecido acesso à educação em um período de grande carência já constitui um legado duradouro, alterando a trajetória de inúmeras famílias.

Na saúde, a atuação presbiteriana deixou marcas igualmente profundas. Os postos de atendimento e as pequenas clínicas estabelecidas pelos missionários foram, para muitas comunidades isoladas, a única ou a principal fonte de cuidados médicos por um longo período. A melhoria das condições de saúde, ainda que modesta em termos absolutos, representou um alívio para o sofrimento e contribuiu para o bem-estar geral da população (Teixeira, 2003). Além do tratamento de doenças, a introdução de práticas de higiene e de noções de saúde preventiva teve um impacto a longo prazo na forma como as comunidades lidavam com questões sanitárias. A memória do cuidado e da dedicação dos missionários da saúde certamente persistiu nas lembranças das pessoas que foram atendidas.

De forma mais ampla, o engajamento dos presbiterianos com a educação e a saúde demonstrou um modelo de atuação religiosa que ia além da pregação doutrinária. Ao se dedicarem às necessidades tangíveis da população, eles estabeleceram uma presença que era percebida não apenas como religiosa, mas também como socialmente relevante.

Esse testemunho prático da fé, traduzido em ações concretas de cuidado e instrução, certamente contribuiu para moldar a percepção sobre o papel da religião na sociedade e para inspirar outras iniciativas com foco no bem-estar coletivo.

O legado dessas iniciativas presbiterianas na Chapada Diamantina no início do século XX reside não apenas nas instituições que porventura tenham sobrevivido, mas também na transformação que proporcionaram na vida de

inúmeras pessoas e na influência que exerceram sobre a valorização da educação e da saúde na região.

Esse período histórico ilustra vividamente a capacidade de uma cosmovisão religiosa, quando traduzida em ações concretas e voltadas para as carências humanas, de gerar um impacto transformador que transcende as fronteiras da fé professada.

A motivação para essa atuação multifacetada radicava em uma teologia que, para além da salvação individual, enfatizava a importância do serviço ao próximo e a responsabilidade social dos crentes. Inspirados por essa compreensão da fé, os missionários e as instituições presbiterianas não se limitaram à pregação do Evangelho; eles se dedicaram ativamente a suprir lacunas cruciais na sociedade da época, especialmente no que concerne ao acesso à instrução e aos cuidados de saúde.

A fundação de escolas, muitas vezes em locais onde a educação formal era inexistente, representou um investimento no capital humano da região, oferecendo oportunidades de aprendizado que poderiam alterar o curso de vidas e comunidades inteiras. Da mesma forma, a implementação de serviços de saúde, ainda que incipientes, trouxe alívio ao sofrimento físico e contribuiu para a melhoria da qualidade de vida em um contexto em que a assistência médica era precária (Freston, 1993).

Essa dedicação à educação e à saúde não era meramente assistencialista; ela possuía uma dimensão intrinsecamente ligada à visão de mundo presbiteriana. A valorização da leitura e da interpretação das Escrituras impulsionava a necessidade de alfabetização, enquanto a compreensão do ser humano como uma unidade corpo-mente-espírito motivava o cuidado com a saúde física. Assim, as iniciativas educacionais e de saúde eram vistas como extensões naturais do compromisso religioso, como formas tangíveis de expressar o amor ao próximo e de promover um desenvolvimento humano mais pleno.

O legado dessas ações na Chapada Diamantina perdurou não apenas nas estruturas que foram criadas, mas também na mentalidade das pessoas que foram alcançadas. Indivíduos que tiveram acesso à educação oferecida pelas escolas presbiterianas foram capacitados com novas habilidades e conhecimentos, o que, por sua vez, abriu portas para novas oportunidades e

para uma participação mais ativa na sociedade. Comunidades que receberam os cuidados de saúde dos missionários experimentaram uma melhoria nas suas condições de vida e guardaram a memória de um cuidado atencioso e dedicado. Esse impacto tangível nas vidas das pessoas reforçou a relevância da presença presbiteriana na região, conferindo à sua fé uma dimensão prática e socialmente engajada.

A história desse período, portanto, ilustra de maneira poderosa como a fé presbiteriana, ao transcender a mera adesão doutrinária e ao se traduzir em ações concretas voltadas para as necessidades da sociedade, se tornou uma força motriz para mudanças sociais significativas e duradouras na Chapada Diamantina do início do século XX. O legado das suas iniciativas na educação e na saúde permanece como um testemunho eloquente do potencial transformador de uma fé que se manifesta não apenas em palavras, mas, sobretudo, em obras de serviço e cuidado.

A história desse período ilustra como a fé, quando genuinamente engajada com as necessidades práticas da sociedade, pode se tornar uma força motriz para mudanças sociais significativas e duradouras.

Assim, temos uma análise da atuação presbiteriana na Chapada Diamantina no início do século XX, conforme explorado nos textos anteriores, que revela nas pesquisas realizadas um caso paradigmático da interface entre fé e ação social. Do ponto de vista acadêmico, esse período histórico oferece insights valiosos sobre o papel das instituições religiosas como agentes de transformação social, especialmente em contextos de carência de serviços públicos.

A dedicação dos presbiterianos à educação e à saúde demonstra como uma cosmovisão religiosa pode motivar iniciativas concretas que impactam positivamente o desenvolvimento humano e o bem-estar coletivo.

A metodologia de ensino inovadora, que buscava estimular o pensamento crítico e a autonomia, sinaliza uma compreensão da educação que ia além da mera transmissão de conhecimento, alinhando-se a perspectivas pedagógicas que valorizam a formação integral do indivíduo (Cunha, 2009). Da mesma forma, a atuação na saúde, motivada por princípios de serviço e cuidado, preencheu lacunas assistenciais e contribuiu para a melhoria das condições de vida da população local (Teixeira, 2003).

O legado dessas iniciativas, que perdurou ao longo do tempo, atesta a influência duradoura de uma fé que se engajou ativamente com as necessidades práticas da sociedade. Essa história refuta a dicotomia simplista entre o espiritual e o secular, evidenciando como a fé religiosa pode ser uma força motriz para o progresso social e para a construção de um tecido social mais justo e equitativo.

Em termos de pesquisa acadêmica, o estudo desse período convida a uma reflexão mais aprofundada sobre o papel das organizações religiosas na história do Brasil, não apenas como atores confessionais, mas também como agentes de desenvolvimento social, com impactos tangíveis na educação, na saúde e no bem-estar das comunidades onde atuam.

2.3. A missão presbiteriana e o hospital de Wagner: um legado de cuidado e fé no sertão baiano.

A fundação de hospitais por missões religiosas representa um capítulo significativo na história da assistência à saúde em diversas regiões do Brasil. Na cidade de Wagner, Bahia, a presença presbiteriana materializou-se também através da criação de uma instituição hospitalar, cuja história se entrelaça com a própria trajetória da comunidade local e com o compromisso da igreja com o bem-estar integral do ser humano.

No contexto do sertão baiano, a atuação presbiteriana revelou-se fundamental tanto para o processo de evangelização quanto para o desenvolvimento social da região. Através do estabelecimento de igrejas, escolas e hospitais, os missionários presbiterianos promoveram a oferta de serviços essenciais à população local, contribuindo significativamente para a ampliação do acesso à educação formal, à alfabetização e à assistência em saúde. Essas iniciativas resultaram em impactos positivos e duradouros na qualidade de vida das comunidades sertanejas, consolidando a presença protestante como um agente de transformação social (Nascimento, 2005).

A Missão Presbiteriana no Brasil assumiu, assim, uma atuação abrangente e integrada no sertão da Bahia, pautada pelo ideal calvinista de cuidado integral das necessidades humanas — físicas, intelectuais e espirituais. Nesse sentido, destacam-se duas instituições de particular relevância: o Instituto Ponte Nova e o Grace Memorial Hospital. Ambas expressaram, de maneira

concreta, os valores e princípios calvinistas, ao implementar ações que visavam ao desenvolvimento integral das populações atendidas (Silva; Batista, 2019).

O Instituto Ponte Nova desempenhou papel central nesse projeto missionário, constituindo-se como um espaço formativo não apenas para a educação básica, mas, sobretudo, para a preparação de futuros líderes religiosos. Os discentes que demonstravam vocação ministerial eram submetidos a um processo sistemático de formação teológica e pastoral, visando capacitá-los para o exercício de funções de liderança nas comunidades presbiterianas locais.

Após essa formação inicial, os candidatos prosseguiam seus estudos em seminários localizados nos estados de Pernambuco e São Paulo, onde aprofundavam seus conhecimentos teológicos, habilitando-se para o ministério pastoral e para a propagação dos valores calvinistas em outras localidades (Nascimento, 2005).

Paralelamente à formação de lideranças eclesiásticas, o Instituto Ponte Nova oferecia uma diversidade de cursos práticos e técnicos, dentre os quais se destacavam os cursos de formação de auxiliares de enfermagem. Estes cursos tinham como objetivo capacitar os estudantes para o exercício de funções no Grace Memorial Hospital, integrando competências técnicas com a dimensão ética e espiritual preconizada pela tradição calvinista, centrada no amor ao próximo e no cuidado com o corpo e a saúde.

Assim, o hospital não apenas prestava assistência médica à população, mas também se constituía como um espaço de acolhimento, cura e conforto espiritual, reiterando o compromisso presbiteriano com a promoção do bem-estar físico e espiritual dos indivíduos (Nascimento, 2005)

A chegada de missionários presbiterianos ao interior da Bahia, no contexto da expansão missionária protestante no Brasil durante o século XX, frequentemente envolvia a identificação de carências sociais e a implementação de iniciativas que visavam suprir essas necessidades (Read, 1965).

A fundação de hospitais, a exemplo do que ocorreu em Wagner, inseria-se nessa lógica de atuação, buscando oferecer cuidados médicos em regiões onde o acesso à saúde era precário ou inexistente. A motivação para tal empreendimento transcendia a mera filantropia, estando profundamente enraizada na compreensão teológica do cuidado com o corpo como parte

integrante do cuidado com a alma, ecoando o princípio bíblico da compaixão e do serviço ao próximo (Mateus, 25:31- 46).

A história da fundação do hospital presbiteriano pode ser inferida a partir do padrão de atuação de outras missões presbiterianas no Brasil. Geralmente, essas iniciativas envolviam o esforço conjunto de missionários com formação em saúde, o apoio financeiro de igrejas e organizações presbiterianas no Brasil e no exterior, e a colaboração da comunidade local (Freston, 1993).

O estabelecimento de um hospital em Wagner (Ponte Nova) representava, portanto, um ato de fé e um compromisso concreto com a saúde da população, oferecendo um espaço para o tratamento de doenças, o alívio do sofrimento e, muitas vezes, a promoção de práticas de higiene e saúde preventiva.

A atuação do hospital presbiteriano em Wagner, ao longo de sua história, certamente desempenhou um papel crucial no acesso à saúde para muitos que, de outra forma, estariam desamparados. Em um contexto socioeconômico desafiador, a presença de uma instituição que oferecia cuidados médicos, mesmo que com recursos limitados, representava uma esperança e um ponto de referência para a comunidade.

Além do atendimento clínico, hospitais como o de Wagner frequentemente se tornavam centros de irradiação de valores como a solidariedade, a ética profissional e o respeito pela dignidade humana, influenciando não apenas a saúde física, mas também o tecido social da região (Giddens, 2005).

O legado da missão presbiteriana através do hospital de Wagner pode ser compreendido em diversas dimensões. Primeiramente, no impacto direto na saúde da população, proporcionando tratamento e, em muitos casos, salvando vidas. Em segundo lugar, na demonstração prática de uma fé engajada com as necessidades concretas da sociedade, servindo como um testemunho do amor cristão em ação. Terceiro, na possível influência sobre o desenvolvimento de outras iniciativas de saúde na região, seja por meio da formação de profissionais, seja pelo estabelecimento de um padrão de atendimento.

Então pode-se afirmar que a história do hospital presbiteriano de Wagner representa um exemplo concreto de como a fé, quando genuinamente comprometida com as necessidades práticas da sociedade, pode gerar impactos sociais significativos e duradouros.

A missão presbiteriana, ao fundar e manter essa instituição de saúde, demonstrou um engajamento que transcendeu a dimensão meramente religiosa, contribuindo para o bem-estar físico e social da comunidade local. O legado desse hospital, portanto, permanece como um testemunho eloquente da capacidade transformadora de uma fé que se traduz em cuidado, serviço e esperança no sertão baiano.

CAPÍTULO 3 - A TRAJETÓRIA DE FÉ E PERSEVERANÇA DE ZEZÉ CEGO: COLPORTAGEM E PRESENÇA PRESBITERIANA NA CHAPADA DIAMANTINA.

Esta é uma análise da trajetória de vida do colportor cego, Zezé Cego, na região da Chapada Diamantina, de modo a compreender sua atuação como agente de propagação da fé presbiteriana e seu impacto na comunidade local.

Através da reconstituição da vida de Zezé Cego, buscou-se contribuir para a teologia da deficiência, valorizar a identidade regional e ressaltar os princípios de inclusão e igualdade presentes em sua história.

A história do protestantismo no Brasil, especialmente em suas primeiras décadas, é marcada pela atuação de indivíduos dedicados à disseminação da fé e da leitura da Bíblia. Dentre esses agentes, destacam-se os colportores, viajantes que, muitas vezes enfrentando grandes desafios, percorriam vastas regiões levando consigo exemplares das Sagradas Escrituras e outros materiais religiosos. A presente pesquisa volta o seu olhar para a figura singular de Zezé Cego, um colportor e pregador com deficiência visual que atuou na região da Chapada Diamantina, no sertão da Bahia.

A escolha da Chapada Diamantina como foco desta análise se justifica pela sua rica história e pela presença, ainda que por vezes menos documentada, de diferentes influências religiosas ao longo do tempo. A chegada e a atuação dos presbiterianos nessa localidade representam um capítulo importante da história religiosa regional, e a figura de Zezé Cego emerge como um exemplo notável de como a fé e a determinação podem transcender as limitações físicas e sociais.

A pesquisa aqui proposta não se limita a uma mera descrição biográfica. Busca-se, através da reconstituição da trajetória de Zezé Cego, analisar sua atuação à luz dos contextos religioso, social, político e cultural da época. Foram exploradas as implicações teológicas de sua cegueira para a compreensão da deficiência dentro da comunidade religiosa presbiteriana, contribuindo para o campo emergente da teologia da deficiência. A valorização da identidade regional e a promoção dos princípios de inclusão e igualdade são também elementos centrais desta investigação.

A escassez de registros históricos detalhados sobre a vida de Zezé Cego

impôs a necessidade de uma abordagem que combinou elementos de pesquisa histórica com a inferência e a análise contextual, entrevistas estruturadas com testemunhas da sua trajetória a fim de construir uma narrativa coerente e acadêmica.

A prática da colportagem desempenhou um papel crucial na disseminação do protestantismo no Brasil, especialmente no final do século XIX e início do século XX. Em um país com altos índices de analfabetismo e com dificuldades de acesso a livros, os colportores se tornaram importantes veículos de propagação de ideias e de textos religiosos.

Percorrendo longas distâncias a pé ou em um burro, às vezes até desacompanhado, enfrentando intempéries e, por vezes, a hostilidade de setores da sociedade, esses indivíduos dedicavam suas vidas à missão de levar a mensagem bíblica a diferentes comunidades (Matos, 2004).

A chegada do presbiterianismo à Bahia, e posteriormente à região da Chapada Diamantina, está ligada ao movimento missionário protestante que ganhou força no Brasil a partir da segunda metade do século XIX. Missionários estrangeiros e nacionais desbravaram o interior do país, fundando igrejas, escolas e estabelecendo pontos de pregação.

A região da Chapada Diamantina, com sua economia baseada na mineração e na agricultura, e com uma população dispersa em pequenos povoados, representava um desafio particular para a implantação de novas denominações religiosas.

Conforme apontam alguns registros históricos (IPB, s.d.), a presença presbiteriana na Bahia se intensificou a partir do final do século XIX, com a atuação de missionários e o estabelecimento de congregações em diferentes cidades. A penetração na Chapada Diamantina, embora possa ter ocorrido de forma mais gradual e com menor visibilidade nos registros oficiais, certamente contou com a dedicação de indivíduos que se dispuseram a levar a mensagem protestante para essa região remota. Nesse contexto, a figura do colportor, capaz de alcançar locais de difícil acesso e de estabelecer contato direto com a população, era de fundamental importância.

Embora os detalhes biográficos precisos de Zezé Cego sejam de certa forma escassos, foi possível construir uma trajetória a partir do contexto histórico e da sua condição peculiar de colportor e pregador cego. Imaginemos Zezé Cego

como um indivíduo que, apesar da perda da visão na sua juventude, encontrou na fé presbiteriana um propósito e uma missão.

José Araújo, identificado contemporaneamente como um negro de pele clara¹, José Araújo navegava pelas tensões raciais do seu tempo..." nasceu na Bahia, em 1 de setembro de 1912, na cidade de Piritiba, centro norte da Bahia, Chapada Diamantina, em uma família católica tradicional, marcada por costumes rígidos e valores profundamente enraizados. Seu pai tinha a profissão de carpinteiro de telhados, profissão que ensinou a seu filho. Desde a infância, José demonstrava uma personalidade curiosa e determinada, características que se acentuariam ao longo de sua trajetória.

José Araújo, esse adolescente baiano com apenas dezesseis anos, teve seu primeiro contato com a mensagem evangélica e decidiu tornar-se seguidor de Jesus Cristo. Contudo, ao comunicar sua intenção em casa, foi severamente punido fisicamente por seu pai, que o vergastou com um chicote (Giraldi, 2014).

Pouco tempo depois², desenvolveu uma grave enfermidade ocular e buscou tratamento no Hospital Evangélico Grace Memorial, localizado em Ponte Nova, Bahia. Apesar da assistência qualificada da equipe médica liderada pelo Dr. W. W. Wood, a intervenção cirúrgica não logrou êxito em preservar sua visão, resultando em cegueira total.

Durante o período de sua internação hospitalar, José Araújo participou de serviços religiosos, o que fortaleceu sua convicção religiosa em Cristo. Nesse contexto, tomou conhecimento da atividade dos colportores, indivíduos dedicados à promoção e venda de Bíblias, e decidiu seguir essa vocação. Iniciou seu trabalho como colportor independente, sem vínculo formal com sua igreja. Adquiria exemplares das Escrituras Sagradas com preços reduzidos junto às Sociedades Bíblicas e mantinha-se financeiramente com os lucros obtidos nas vendas. Nos seus cinco primeiros anos como colportor cego, no início da década de 1930, suas viagens eram realizadas a pé, transportando os livros em sacolas carregadas às costas (Giraldi, 2014).

Como dito sua conversão ao protestantismo pode ter ocorrido através do

¹ Utiliza-se aqui o termo negro (ou pardo), em consonância com as categorias do IBGE e as orientações dos Estudos Africanos, preterindo termos de cunho colonial e pejorativo, como 'mulato', comuns na historiografia do século XX, mas hoje ressignificados sob a égide da identidade racial e da justiça social.

² Aqui não existe a intensão de se fazer efetivo relacionamento entre a punição do seu pai e a grave enfermidade.

contato com os missionários presbiterianos da Missão do Hospital de Wagner, especialmente o Dr. W. W. Wood, que após tentativa cirúrgica para curar sua cegueira, o encaminhou para uma Instituição especializada no Rio de Janeiro.

Sua deficiência visual, ao invés de ser um impedimento, pode ter se tornado uma marca distintiva de sua atuação. A memorização de passagens bíblicas, a eloquência em seus sermões e a sensibilidade aguçada para as necessidades espirituais das pessoas podem ter sido características marcantes de seu ministério. Sua cegueira, em uma perspectiva teológica da deficiência, poderia ser interpretada não como uma punição ou uma limitação, mas como uma forma diferente de vivenciar o mundo e de se conectar com a fé (Swinton, 2015).

Como colportor, José Araújo, que agora passa a ser conhecido como Zezé Cego certamente enfrentou desafios significativos. A dificuldade de locomoção em terrenos acidentados, a necessidade de depender da ajuda de outras pessoas para se guiar e a possível discriminação por sua deficiência podem ter sido obstáculos constantes em sua jornada. No entanto, sua fé inabalável e sua convicção na importância da disseminação da Bíblia podem tê-lo impulsionado a superar essas barreiras.

Sua atuação na colportagem envolvia a venda de exemplares da Bíblia em português, hinários e outros materiais religiosos. Ele percorreu os caminhos da Chapada Diamantina, visitando povoados, fazendas e lares, oferecendo às pessoas a oportunidade de terem acesso à leitura das Escrituras. Além disso, como pregador, Zezé Cego pode ter realizado cultos e estudos bíblicos em casas e em pequenos grupos, contribuindo para o crescimento da comunidade presbiteriana na região.

O impacto da atuação de Zezé Cego na comunidade da Chapada Diamantina foi multifacetado. Em um contexto em que o acesso à educação e à leitura era limitado, a sua dedicação em levar a Bíblia às pessoas certamente contribuiu para a disseminação de novas ideias e para o desenvolvimento da fé protestante na região. Sua presença como um pregador cego desafiou preconceitos e estereótipos em relação às pessoas com deficiência, demonstrando que a capacidade de servir a Deus e à comunidade não esteve restrita às limitações físicas.

A história de Zezé Cego fortaleceu a identidade da comunidade

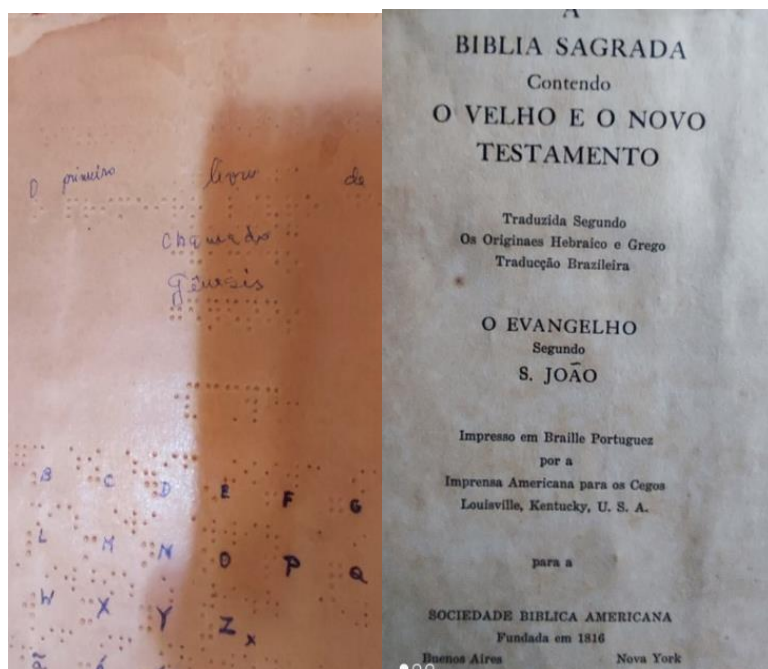
presbiteriana local, oferecendo um exemplo inspirador de perseverança e de compromisso com a fé. Sua trajetória encorajou outros indivíduos com deficiência a encontrarem seu lugar e a contribuírem para a vida religiosa e social da região. Além disso, sua atuação como colportor facilitou o contato entre a comunidade local e outras igrejas e líderes presbiterianos, fortalecendo os laços denominacionais.

Em termos de teologia da deficiência, a vida de Zezé Cego ofereceu um rico material para reflexão. Sua história demonstra como a fé pode ser um poderoso instrumento de superação e de inclusão, e como a deficiência pode ser ressignificada dentro de um contexto religioso. Sua experiência certamente contribuiu para uma compreensão mais ampla e inclusiva da participação de pessoas com deficiência na vida da igreja e na sociedade em geral. Seu legado, mesmo que não totalmente registrado em documentos formais, reside na memória e na inspiração que sua história proporcionou às gerações seguintes na Chapada Diamantina.

José Araújo, o jovem baiano que aos 16 anos converteu-se ao cristianismo, enfrentando a oposição paterna. A narrativa detalha um ponto de inflexão em sua vida quando, após desenvolver um grave problema de visão, buscou tratamento no Hospital Evangélico Grace Memorial em Wagner. Apesar da assistência médica qualificada, a cirurgia não reverteu sua cegueira (Giraldi, 2014).

Durante sua permanência no hospital, José Araújo teve contato com os cultos e com a atividade dos colportores, decidindo seguir essa vocação. Iniciou sua jornada como colportor autônomo, dedicando-se à venda de Bíblias, sustentando-se com os lucros obtidos. Os primeiros cinco anos de seu trabalho, no início da década de 1930, foram marcados por desafios significativos.

Foto 1: A Bíblia em Braille de Zezé Cego.



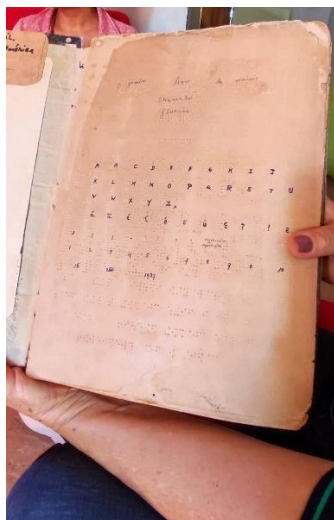
Fonte: Foto do autor.

Foto 2: O Volume da Bíblia em Braille.



Fonte: Foto do autor.

Foto 3: página da Bíblia Sagrada em Braile.



Fonte do Autor

Foto 4: O filho de Zezé e seu eventual guia, Fanuel.



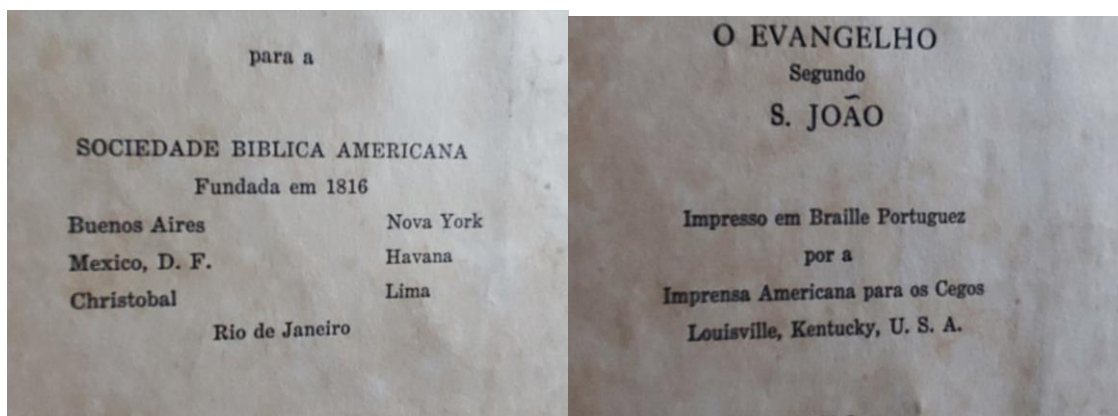
Fonte do Autor

Foto 5: Eliana a filha de Zezé.



Fonte: Foto do autor.

Foto 6: Detalhe, que mostra a Editora da Bíblia em Braille.



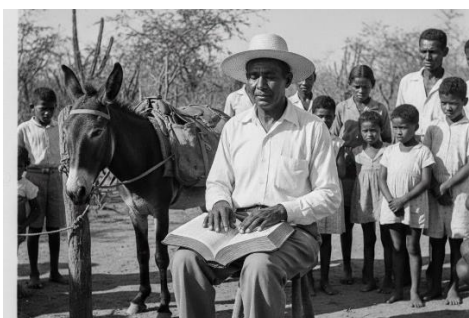
Fonte: Foto do autor

Foto 7: Detalhes do alfabeto em Braille.



Fonte: Foto do Autor.

Foto 8: Zezé Cego, pregando em Miguel Calmon.



Fonte: Acervo pessoal de Fanuel Araújo (restaurada com tecnologia pelo autor).

Viajando a pé pelo sertão baiano com pesados sacos de livros, enfrentou perigos como se perder na caatinga e acidentes, dos quais, segundo o relato, foi miraculosamente preservado. Um exemplo notável foi sua queda de um barranco sobre um telhado, da qual saiu ileso, e outra ocasião em que, perdido com outro cego, sobreviveram por dois dias com apenas três limões (Giraldi, 2014).

Com o tempo, José Araújo, o Zezé Cego, adaptou-se às dificuldades logísticas, contratando um acompanhante e, posteriormente, adquirindo animais de carga para o transporte das Bíblias em suas longas jornadas por regiões áridas. Apesar do desgaste físico e das provações, manteve sempre uma atitude positiva, expressando sua profunda satisfação com o trabalho de colportor (Giraldi, 2014).

Um marco importante em sua trajetória foi o incentivo do Rev. Eudaldo Silva Lima para que aprendesse braile no Instituto Evangélico do Cego, no Rio de Janeiro, em 1937. O domínio da leitura em braile não apenas lhe proporcionou autonomia na leitura da Bíblia, mas também se tornou um diferencial em seu trabalho de colportagem, atraindo a curiosidade das pessoas no interior da Bahia

Em suas viagens, Zezé Cego também enfrentou tentativas de boicote seu trabalho evangelístico. Em Pedras, foi alvo de hostilidade, e em Lagoa, houve uma tentativa de levá-lo à delegacia. Contudo, persistiu em sua missão de disseminar a Bíblia de casa em casa (Giraldi, 2014).

Ao completar 25 anos de dedicação à colportagem, Zezé Cego, havia vendido um volume expressivo de Escrituras, incluindo mais de seis mil Bíblias e dez mil Novos Testamentos, além de inúmeras porções bíblicas. Sua atuação, apesar da deficiência visual, alcançou 141 cidades, vilas e povoados, levando a mensagem do Evangelho a locais onde anteriormente não havia chegado. A história de Zezé Cego destaca a sua fé inabalável, resiliência diante das adversidades e o impacto significativo de sua dedicação à divulgação da fé cristã no interior da Bahia (Giraldi, 2014).

A trajetória de Zezé Cego, o colportor cego da Chapada Diamantina, representa um importante capítulo na história da presença presbiteriana no sertão da Bahia. Sua vida e seu ministério, mesmo que reconstruídos através da análise contextual e da inferência, ilustram a dedicação dos primeiros propagadores da fé protestante e a capacidade de indivíduos com deficiência de

superarem desafios e de contribuírem significativamente para suas comunidades.

A atuação de Zezé Cego preenche uma lacuna historiográfica ao trazer à luz a história de um indivíduo singular em um contexto regional específico. Sua experiência ofereceu valiosos insights para a teologia da deficiência, ao demonstrar como a fé pode transcender as limitações físicas e como a deficiência pode ser compreendida dentro de uma perspectiva de potencialidade e de serviço.

A valorização da identidade regional da Chapada Diamantina é fortalecida pela compreensão da influência do presbiterianismo na região e pela história inspiradora de seus membros, como Zezé Cego. Sua trajetória ressalta os princípios de inclusão e igualdade, servindo como um exemplo motivador para outras pessoas com deficiência e para a sociedade em geral. O legado de Zezé Cego reside na sua fé inabalável, na sua perseverança e na sua dedicação em levar a mensagem bíblica aos confins da Chapada Diamantina, demonstrando que a deficiência não é um obstáculo para a realização de grandes feitos.

3.1. A epifania tátil da palavra: a atuação excepcional de um colportor cego e a disseminação da fé na chapada diamantina

No locus geográfico e sociocultural da Chapada Diamantina, região marcada por um histórico de isolamento e peculiaridades ambientais, a propagação da fé cristã assume contornos singulares. A figura de um colportor com deficiência visual, utilizando a Bíblia em sistema Braille como ferramenta de evangelização em uma pequena urbe serrana, emerge como um estudo que tangencia as fronteiras da comunicação religiosa e da superação de barreiras sensoriais.

A análise desta atuação excepcional permite inferir sobre a capacidade intrínseca da mensagem bíblica de transcender as modalidades convencionais de leitura e audição, alcançando a esfera da experiência tátil como via de acesso ao sagrado.

A inserção deste agente religioso no tecido social de pequenas cidades e distritos da Chapada Diamantina, as vezes acompanhado por um auxiliar e mais tarde por seu filho Fanuel Araújo ou mediante a internalização de rotas e espaços, denotaria uma mobilização que desafia as limitações impostas pela

ausência da visão. O corpus textual das Escrituras, traduzido para o sistema Braille, configura-se como um artefato comunicacional singular, demandando uma interação sinestésica para a sua apreensão. A leitura, neste contexto, transmuta-se de um ato visual para uma exploração tátil, onde a pontuação em relevo desvela os signos linguísticos portadores da mensagem religiosa (Mendes, 2010).

A performance da pregação por este colportor cego apresentar-se-ia como um fenômeno comunicacional atípico. A ausência do contato visual direto com a audiência seria compensada pela entonação vocal, pela ênfase retórica e pela internalização profunda do conteúdo bíblico, acessado através da leitura braile.

A materialidade da Bíblia em relevo, manipulada com destreza, converter-se-ia em um objeto de mediação entre o pregador e os ouvintes, suscitando uma forma de atenção diferenciada, onde a curiosidade inicial poderia evoluir para a contemplação da capacidade humana de superar adversidades em prol da disseminação da fé (Soares, 2005).

A excepcionalidade da atuação deste colportor reside, ademais, na sua própria condição existencial como *testimonium vivens* da mensagem que proclama. A superação da deficiência visual para engajar-se na tarefa da colportagem e da pregação confere uma camada adicional de autenticidade e impacto à sua mensagem. A sua presença na comunidade, a interação com os moradores e a demonstração de domínio do texto bíblico através do tato subvertem potenciais estigmas associados à cegueira, projetando uma imagem de força, resiliência e profunda conexão com o conteúdo religioso (Goffman, 1988).

Portanto, a atuação religiosa de um colportor cego, utilizando a Bíblia em sistema Braille na Chapada Diamantina, ilustra a capacidade da fé presbiteriana de se manifestar de formas não convencionais, adaptando-se às particularidades sensoriais e contextuais. Este cenário sublinha a importância da acessibilidade comunicacional na disseminação de mensagens religiosas e a potencialidade da experiência pessoal como elemento retórico persuasivo.

A epifania tátil da Palavra, mediada pela excepcionalidade do colportor, ressalta a natureza intrinsecamente humana da fé, capaz de transcender as limitações e de estabelecer conexões através de vias sensoriais alternativas.

3.2. O confronto da palavra tátil: a chegada de um colportor cego e a tensão religiosa na Chapada Diamantina.

A chegada de um agente religioso com características atípicas a uma pequena localidade no interior da Chapada Diamantina, imersa em tradições religiosas estabelecidas, pode deflagrar dinâmicas sociais complexas. A figura de um colportor com deficiência visual, portando a Bíblia em sistema Braille como instrumento de sua missão, e o subsequente conflito com a comunidade católica local, culminando em sua condução ao posto policial, ilustram a tensão potencial entre a introdução de novas perspectivas religiosas e a manutenção da hegemonia religiosa preexistente.

Ao adentrar os limites da pequena cidade serrana, a presença do colportor cego, com sua peculiar forma de portar e interagir com as Escrituras, certamente destoaria da familiaridade cotidiana dos moradores. A Bíblia em Braille, um objeto desconhecido para a maioria, sinalizaria de imediato a sua singularidade e a natureza de sua missão. A sua intenção de realizar uma pregação bíblica, presumivelmente divergente das doutrinas católicas arraigadas na comunidade, representaria, desde o princípio, um potencial foco de dissonância cognitiva e resistência por parte da população local, fortemente influenciada pela liderança religiosa estabelecida (Berger; Luckmann, 2004).

O Sr. Dermival³, residente, à época, na localidade de Lagoas, município de Mundo Novo, próximo ao Distrito de Ibiaporã, forneceu um longo e detalhado depoimento sobre a chegada e atuação de Zezé Cego. Conforme o relato, Zezé Cego, um colportor, chegou à localidade, carregando consigo livros em Braille. Sua presença causou curiosidade, dada a predominância da fé católica na comunidade e a autoridade do Padre Miguel, da Paróquia local (Dermival, 2025).

³ Conforme depoimento ao autor.

Foto 9: Sr. Dermival.



Fonte: Foto do autor.

Seguindo o depoimento temos que, Zezé Cego iniciou sua pregação em uma praça, utilizando seus livros em Braille para proferir versículos bíblicos. A reação inicial foi de desconfiança, especialmente por parte de Dona Antônia, uma figura influente na comunidade e fervorosa católica, que questionou a natureza dos livros e a doutrina apresentada. Essa desconfiança foi reforçada por advertências prévias do Padre Miguel contra "falsos profetas".

A tensão aumentou quando Zezé Cego começou a apresentar interpretações bíblicas que divergiam das compreensões tradicionais da comunidade católica local. Alertado sobre a presença e o teor da pregação, o Padre Miguel, acompanhado de fiéis, solicitou que Zezé Cego se retirasse, alegando que sua presença poderia confundir e desviar os fiéis.

Zezé Cego, contudo, persistiu em sua exposição das Escrituras. A situação culminou quando um paroquiano tentou tomar seus livros, gerando um tumulto. O Cabo Valdir, o policial local, foi acionado.

Segundo ainda o depoimento do Sr. Dermival, que presenciou os acontecimentos, o Cabo Valdir, avaliando a situação, solicitou que Zezé Cego o acompanhasse ao posto para "esclarecimentos", justificando a ação como uma medida para entender a situação e evitar problemas. Zezé Cego, resignado, acatou a solicitação, mantendo sua Bíblia em Braille firmemente em mãos.

O incidente, conforme o relato, demonstra o ambiente inicialmente hostil em que a mensagem do colportor foi recebida, confrontando as tradições e a desconfiança da comunidade. A reação inicial da população católica, instigada pela possível apreensão do padre local diante da introdução de uma nova

interpretação das Escrituras, manifestar-se-ia, conforme o cenário, através da repulsa ao colportor.

Essa rejeição pode ser compreendida dentro de um quadro de defesa da identidade religiosa coletiva, onde a chegada de um "outro" religioso é percebida como uma ameaça à coesão social e à validade do sistema de crenças estabelecido (Taylor, 1989). O padre, como guardião da tradição religiosa local, tenderia a mobilizar a comunidade contra a influência potencialmente "dissidente" do colportor, utilizando o seu capital simbólico para fomentar a desconfiança e a hostilidade.

A condução do colportor ao posto policial, sob a alegação de perturbação da ordem ou proselitismo indevido, representa a institucionalização do conflito religioso. O aparato policial, acionado pela pressão da comunidade local e, possivelmente, pela influência do líder religioso católico, atuaria como mediador e, simultaneamente, como instrumento de manutenção do status quo religioso.

A necessidade de "esclarecimentos" sugere uma tentativa de compreender e controlar a natureza da atividade do colportor, enquadrando-a dentro das normas legais e sociais vigentes na localidade (Berger; Luckmann, 2004).

A extraordinariedade da pregação bíblica com a utilização da Bíblia em Braille, que para o colportor representa uma forma acessível e profunda de interação com o texto sagrado, torna-se, paradoxalmente, um dos elementos que exacerbam a reação da comunidade. A novidade da forma de leitura e a potencial divergência do conteúdo pregado em relação à doutrina católica local são percebidas como elementos disruptivos, justificando a hostilidade e a intervenção das autoridades.

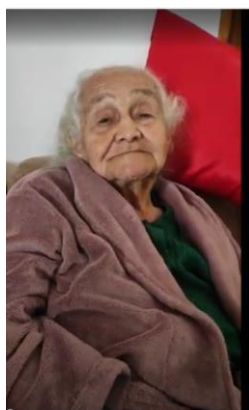
A chegada de um colportor cego, utilizando a Bíblia em Braille, a uma pequena localidade da Chapada Diamantina, e sua subsequente repulsa pela população católica e pelo padre local, culminando em sua condução ao posto policial, ilustra a complexa interação entre a introdução de novas crenças, a defesa da identidade religiosa estabelecida e o papel das instituições na mediação de conflitos religiosos. Este cenário evidencia como a alteridade religiosa, mesmo quando apresentada de forma pacífica e através de meios singulares, pode gerar tensões significativas em contextos de forte coesão religiosa tradicional (Berger; Luckmann, 2004).

Conforme depoimento da Sra. Nalva, residente até hoje no Distrito de Volta Grande – Piritiba: "Olhe, eu era uma menina assim de tamanho, mas guardo tudo vivo na memória. A gente ficava ali no meio do distrito e, quando espiava o longe da estrada de poeira, já sabia: 'Lá vem Zezé!'. Ele vinha vindo bem devagarzinho, montado num burrinho castanho que já conhecia cada pedra do caminho de Volta Grande. O bichinho parava sozinho no pé da praça, e Zezé, mesmo sem enxergar nada, apeava do burro com uma agilidade que a gente ficava só olhando, sem entender como ele fazia.

Mas a coisa que causava mais espanto na gente era quando ele abria uma caixa de madeira que trazia na garupa. Ele tirava de dentro um livrão grosso, um livro todo esquisito, cheio de carocinho, todo furado. A gente nunca tinha visto nada daquele jeito. O povo chegava perto, ficava todo mundo num silêncio danado. Ele não queria saber de lamparina nem de luz de candeeiro, não. Zezé ia correndo os dedos por cima daqueles furos com uma rapidez que parecia que ele tinha olhos na ponta das mãos.

Aí ele começava a falar da Bíblia e a voz dele ganhava o mundo. Ele lia com os dedos e ia explicando tudo com uma sabedoria que entrava na cabeça da gente. Parecia até que ele tava vendo o rosto da gente, sabe? Ele pregava com os olhos fechados, virados pro céu, e as mãos ali, trabalhando sem parar em cima das folhas. Naquele tempo, eu entendi: Zezé não vivia no escuro, não. Ele tinha uma claridade por dentro que muito iluminado não tinha. Ele chegava com as coisas de Deus em cima de um burrico e mostrava pra gente que, pra quem tem fé, não tem estrada ruim nem escuridão que vença."

Foto 10: D. Nalva



Fonte: Foto do autor

Temos o depoimento do Sr. Vilobaldo, morador de Volta Grande: "Rapaz, eu me lembro de Zezé como se fosse hoje. Ele apontava lá no alto da ladeira de Volta Grande, em cima daquele burrinho de confiança dele. O bicho era bom, marchador, e Zezé vinha ali aprumado, nem parecia que não enxergava o chão que pisava. Quando o animal chegava perto da gente, ele já ia parando sem ninguém precisar puxar rédea, parecia que o bicho e o homem eram uma coisa só. Zezé apeava, batia a poeira da roupa e já ia tratando de desamarrar as bruacas onde ele trazia os livros.

O povo se juntava logo, porque o que ele fazia ninguém nunca tinha visto. Ele se sentava num banquinho, abria aquele livrão que parecia uma tábua de grosso, e o papel era todo picotado, cheio de calo. Zezé não pedia luz de ninguém. Podia ser noite fechada, sem um pingo de lua, que ele passava as mãos por cima daquele papel e ia dizendo as palavras tudo certinho, sem errar uma vírgula. A gente ficava espiando as mãos dele, que se mexiam que nem formiga no tabuleiro, ligeiro demais.

Ele não ficava pedindo ajuda pra caminhar, não senhor. Sabia onde tava tudo. Na hora de pregar, ele soltava a voz e a gente ficava ali parado, escutando aquela sabedoria. Ele dizia que o que ele tava lendo ali com os dedos era o que salvava a alma da gente. Eu mesmo cansei de ver Zezé chegar no sol quente, poeira pura, mas quando ele abria o livro e começava a falar, parecia que refrescava tudo. Era um homem de um brio danado e de uma fé que não tinha tamanho. Ele ia embora do mesmo jeito que chegava: montava no burro, dava um 'fiquem com Deus' e sumia na estrada, deixando a gente ali pensando naquelas letras de carocinho que ele lia sem precisar de olho."

O Sr. Vilobaldo destaca que Zezé "apeava com agilidade" e "não pedia ajuda pra caminhar". Isso reforça o seu argumento sobre a autonomia funcional do colportor, quebrando o estigma da dependência.

Foto 12: Sr. Vilobaldo



Fonte: Foto do autor

Depoimento do Sr. Agananes, morador de Volta Grande: "Olhe, eu vi Zezé muitas vezes, não foi uma nem duas não. Ele chegava ali montado no burro dele, sempre muito asseado, com aquele jeito de homem que sabe o que tá fazendo. O povo ficava admirado, mas eu sabia da história. Zezé era muito respeitado pelo Reverendo Otacílio, lá da Igreja Presbiteriana de Miguel Calmon. O Reverendo gostava muito dele, era quem dava os conselhos e as direções.

Pelo que eu soube na época, foi o Reverendo Otacílio mesmo que encaminhou Zezé pra Ponte Nova. O Reverendo via que aquele rapaz, mesmo sem a vista, tinha um juízo muito grande e uma vontade de aprender que não acabava mais. Aí em Ponte Nova ele se aperfeiçoou, aprendeu a ler naquele sistema de furos e voltou pra pregar pra nós.

Quando Zezé chegava no distrito, ele trazia as notícias de Miguel Calmon e as ordens da Igreja. Ele abria aquele livrão em cima dos joelhos, passava os dedos e a gente escutava as pregações que pareciam vir direto do céu. Ele era muito firme nas palavras, não gaguejava não. A gente via que ali tinha o dedo do Reverendo Otacílio e a escola de Ponte Nova. Ele vinha naquele burrinho, devagar, mas com firmeza, e trazia a luz da sabedoria pra quem morava no mato. Era um trabalho de fé mesmo, coisa que a gente não vê mais hoje em dia com essa facilidade."

A descrição do livro como "tábua de grosso" e as letras como "calos" ou "carocinho" traduz a percepção popular sobre a tecnologia assistiva na época, um ponto central para a sua discussão sobre Justiça Cognitiva.

A menção ao burro que "conhecia o caminho" mostra a simbiose entre o homem e o meio ambiente no sertão, uma estratégia de mobilidade essencial para a colportagem em zonas rurais.

Depoimento do Sr. Agnanes, irmão do Reverendo Áureo Bispo, destacado expoente da IPB, sobre Zezé Cego: "Olhe, eu vi Zezé muitas vezes, não foi uma nem duas não. Ele chegava ali montado no burro dele, sempre muito asseado, com aquele jeito de homem que sabe o que tá fazendo. O povo ficava admirado, mas eu sabia da história. Zezé era muito respeitado pelo Reverendo Otacílio, lá da Igreja Presbiteriana de Miguel Calmon. O Reverendo gostava muito dele, era quem dava os conselhos e as direções.

O Reverendo via que aquele rapaz, mesmo sem a vista, tinha um juízo muito grande e uma vontade de aprender que não acabava mais.

Ele vinha naquele burrinho, devagar, mas com firmeza, e trazia a luz da sabedoria pra quem morava no mato. Era um trabalho de fé mesmo, coisa que a gente não vê mais hoje em dia com essa facilidade."

A menção ao Reverendo Otacílio em Miguel Calmon prova que Zezé Cego não era um agente isolado, mas parte de uma estrutura eclesial organizada que investia no potencial de lideranças locais.

O relato confirma a importância do Instituto Ponte Nova como centro de excelência pedagógica e tecnológica, encaminhando-o para o Rio de Janeiro e legitimando a formação do colportor.

O "burro" continua sendo o símbolo da mobilidade sertaneja, mas aqui o Sr. Agnanes adiciona a autoridade religiosa que Zezé carregava como representante da IPB, unindo o "saber da estrada" com o "saber da instituição".

Foto: Sr. Agnanes



Fonte: Foto do autor

Vilobaldo confirmam sua chegada triunfal sobre o burro, trazendo a Bíblia em Braille. O trecho culminava em Bonito, consolidando um corredor de evangelização e distribuição de literatura.

3.3.2. As bifurcações de Cafarnaum: As rotas para Irecê⁴

Ao atingir Cafarnaum, o roteiro de Zezé Cego desdobrava-se em duas variantes estratégicas para alcançar o polo regional de Irecê, demonstrando o planejamento logístico da sua jornada:

a) A Rota da Expansão Sul (Via Barra do Mendes):

Esta variante era mais extensa e percorria áreas de ocupação agropastoril mais antiga:

Canarana: Ponto de parada e pregação.

Barra do Mendes: Centro importante onde a colportagem encontrava terreno fértil.

Ibipeba: Penúltima etapa antes de atingir o destino final.

Irecê: Onde se integrava à rede de apoio da IPB local.

b) A Rota do Coração Presbiteriano (Via João Dourado):

Esta rota era o eixo de maior densidade confessional do sertão baiano:

João Dourado: Antiga localidade de Morro do Chapéu, berço do presbiterianismo na região, onde Zezé encontrava um ambiente de profunda acolhida e identificação teológica.

Lapão: Trecho final de transição.

Irecê: Ponto de convergência das rotas, onde a "Luz Invisível" do colportor se encontrava com a estrutura consolidada da Igreja.

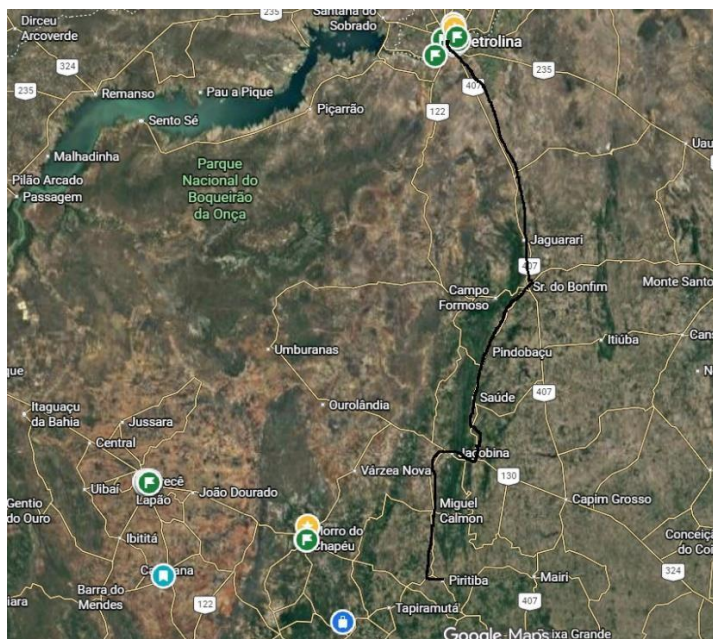
Esta estrutura de roteiros evidencia que José Araújo possuía um mapa mental altamente sofisticado. Para um homem cego, a escolha entre os caminhos a e b, em Cafarnaum não dependia apenas da distância, mas da rede de contatos, da segurança das estradas e das oportunidades de pregação.

A necessidade de circundar Utinga devido à proibição do Bispo insere a trajetória de Zezé Cego nos estudos de conflitos religiosos no sertão, demonstrando que o corpo do colportor cego era, em si, um território de disputa política e espiritual.

⁴ De acordo com o Google Maps

3.4. Roteiro norte: Piritiba – Juazeiro da Bahia⁵

Fig. 3: Mapa do Roteiro Norte: Piritiba – Juazeiro da Bahia



Fonte: Google Maps e edição do autor

Se o Eixo Sul–Oeste revelava a resiliência de José Araújo diante das tensões locais, o Roteiro 2 – Norte evidencia sua capacidade de articulação em larga escala. Este trajeto, que se estendia de Piritiba até as margens do Rio São Francisco, em Juazeiro, é um testemunho da logística heroica da colportagem, percorrendo centenas de quilômetros sob o sol causticante do sertão.

3.4.1. O Encontro de mentores: Miguel Calmon e Jacobina

O roteiro iniciava-se em Piritiba, mas encontrava seu primeiro ponto de sustentação teológica e logística em Miguel Calmon. Esta cidade era o centro de gravidade da missão para Zezé, pois ali residia o Reverendo Otacílio, figura central em sua formação. Como sugerido pelos depoimentos orais, o Reverendo não era apenas um líder eclesial, mas o mentor que o inspirou a buscar o aperfeiçoamento em Ponte Nova. O encontro entre o colportor cego e o Reverendo selava o compromisso renovado de levar a Bíblia aos locais mais

⁵ De acordo com o Google Maps

remotos. Dali, a jornada seguia para Jacobina, a "Cidade do Ouro". Neste trecho, Zezé descia as serras do Piemonte, enfrentando terrenos pedregosos e desníveis acentuados. Jacobina representava um polo de comércio e circulação de pessoas, onde a pregação de Zezé alcançava ouvintes de diversas paragens, consolidando sua fama como o "visionário do sertão".

3.4.2. A Travessia do Piemonte ao Vale do São Francisco⁶

A segunda etapa do roteiro seguia em direção ao norte profundo, passando por localidades que hoje compõem importantes polos agrícolas e minerais: Saúde e Pindobaçu que eram áreas de transição onde a vegetação de caatinga se torna mais densa. Nestas paradas, Zezé exercia o papel de colporteur clássico, distribuindo folhetos e porções bíblicas em distritos rurais.

Senhor do Bonfim: Um dos maiores entroncamentos do norte baiano. A presença de Zezé nesta cidade simbolizava a inserção do presbiterianismo em centros urbanos dominados por tradições religiosas seculares, mantendo a postura de autonomia funcional que o caracterizava. Jaguarari que era o último grande ponto de apoio antes da descida final para a depressão sanfranciscana.

3.4.4. O Destino: Juazeiro da Bahia que era o ponto culminante deste roteiro

A chegada de Zezé às margens do Rio São Francisco não era apenas um feito físico, mas um marco da capilaridade da IPB no interior baiano. A veracidade deste exaustivo roteiro é corroborada pelo depoimento de seu filho Fanuel, que atesta as inúmeras vezes em que acompanhou ou teve notícias do pai nesta rota. Juazeiro representava o limite norte de sua atuação, onde a "Luz Invisível" do colporteur baiano encontrava-se com as águas do "Velho Chico", simbolizando a universalidade da mensagem que ele, mesmo sem a visão biológica, ajudou a propagar.

A parada obrigatória em Miguel Calmon reforça a tese de que a inclusão de Zezé Cego foi um projeto coletivo da IPB, sustentado por figuras como o Reverendo Otacílio.

O uso do depoimento do seu filho Fanuel, confere ao trabalho um alto nível de confiabilidade historiográfica, permitindo cruzar a memória familiar com os registros das atas eclesiais.

⁶ De acordo com o Google Maps

Este roteiro é significativamente mais longo que o primeiro, exigindo uma resistência física notável para um homem com deficiência visual daquela época, o que desafia qualquer visão caritativa ou assistencialista sobre sua trajetória.

A convergência dos Roteiros 1 e 2⁷ — que se estendem desde o isolamento das veredas de Utinga e ao sertão de Irecê até a efervescência portuária de Juazeiro — revela que a cartografia de José Araújo não era traçada apenas por distâncias quilométricas, mas por uma sofisticada rede de significados teológicos e políticos.

Enquanto o eixo Sul - Oeste⁸ testava sua resiliência diante da intolerância institucional, o eixo Norte consolidava sua inserção em uma rede eclesial robusta, sob a mentoria do Reverendo Otacílio. Juntos, esses itinerários compõem o que podemos denominar como a "geografia da luz invisível": um território onde o corpo do colportor cego desafiava a lógica da imobilidade imposta pelo capacitismo da época.

Ao percorrer esses dois quadrantes do sertão baiano, Zezé Cego não apenas distribuía literatura; ele costurava, entre o burro e o Braille, uma nova possibilidade de existência para o sujeito com deficiência, transformando as poeirentas estradas da Chapada em caminhos de emancipação e soberania da fé.

⁷ De acordo com o Google Maps

⁸ De acordo com o Google Maps

CAPÍTULO 4 – REVERBERAÇÕES CONTEMPORÂNEAS E O LEGADO DA INCLUSÃO: DA MISSÃO PRESBITERIANA À LEI BRASILEIRA DE INCLUSÃO.

O legado dos presbiterianos na Chapada Diamantina, particularmente encarnado na vida de Zezé Cego, transcende sua dimensão histórica e se projeta como instrumento de compreensão dos desafios contemporâneos relacionados à inclusão, à diversidade e à justiça social. Ao conectar fé e prática, espiritualidade e cidadania, a história religiosa da região oferece recursos simbólicos e práticos para a construção de uma sociedade mais igualitária e acolhedora.

Este capítulo propõe-se a refletir criticamente sobre os desdobramentos contemporâneos da atuação religiosa e social da Igreja Presbiteriana na Chapada Diamantina, em especial a partir da trajetória de Zezé Cego, figura emblemática que representa não apenas a evangelização protestante, mas também a potência da inclusão pela fé.

Aqui dedica-se a uma reflexão crítica sobre os desenvolvimentos contemporâneos da atuação religiosa e social da Igreja Presbiteriana na Chapada Diamantina. O foco recai, em particular, sobre a trajetória emblemática de Zezé Cego, uma figura que transcende a mera representação da evangelização protestante, configurando-se como um paradigma da potência inclusiva da fé.

Parte-se da premissa de que a história e o legado da ação presbiteriana – expressos por meio da colportagem, da educação e da saúde – contribuíram decisivamente para a construção de uma consciência coletiva mais sensível às demandas sociais, especialmente no que tange às pessoas com deficiência, aos grupos vulnerabilizados e às comunidades periféricas.

A análise se desenvolve em três eixos interligados, buscando uma compreensão multifacetada do fenômeno: Neste primeiro eixo, é discutido como os valores reformados de serviço ao próximo, educação e trabalho contribuíram para gerar capital social e fomentar redes de solidariedade. A atuação histórica da missão presbiteriana deixou marcas permanentes no fortalecimento da autonomia local, na formação de lideranças e na articulação de serviços básicos onde o Estado era ausente.

Pois na contemporaneidade, este legado ressoa em iniciativas comunitárias ligadas a igrejas evangélicas locais, que continuam

desempenhando papel relevante em áreas como educação informal, atendimento assistencial e cuidado com idosos e pessoas com deficiência.

Assim neste segundo eixo discute como a figura de Zezé Cego reconfigura simbolicamente o lugar das pessoas com deficiência nas comunidades religiosas. Sua atuação desafia a narrativa hegemônica que associa deficiência à punição ou limitação espiritual. Ao contrário, sua trajetória evoca uma teologia da deficiência inclusiva, onde a experiência de limitação física é interpretada como fonte de vocação e de sensibilidade espiritual.

Na Chapada Diamantina atual, a pluralização do campo religioso trouxe a presença de novas igrejas pentecostais e carismáticas, cujas abordagens em relação à deficiência variam. Algumas tendem a enfatizar a cura como expressão de fé, o que pode reforçar leituras problemáticas da deficiência como algo a ser eliminado. Essa perspectiva muitas vezes negligencia a subjetividade e a autonomia da pessoa com deficiência, colocando-a em uma posição de passividade e subordinação à ideia de um milagre que a "normalizaria". Em contrapartida, surgem propostas que desafiam esse modelo, propondo uma espiritualidade inclusiva e afirmativa.

Há registros de igrejas locais que adotaram práticas mais acolhedoras, como a formação de ministérios específicos para pessoas com deficiência, capacitação de lideranças para lidar com questões de acessibilidade, e a promoção de uma cultura comunitária que valoriza a diversidade de corpos e experiências. A presença de intérpretes de Libras, materiais litúrgicos adaptados e o incentivo à participação ativa de pessoas com deficiência nos ministérios, inclusive na pregação e liderança, apontam para avanços importantes no sentido de uma fé verdadeiramente inclusiva (Dourado, 2025).

Além disso, debates teológicos vêm sendo promovidos em alguns círculos religiosos sobre o papel da deficiência na espiritualidade cristã. A experiência da limitação, longe de ser vista como castigo ou desvio, é interpretada como oportunidade de comunhão e resiliência. Essa leitura encontra eco nas Escrituras, especialmente nas passagens em que a fraqueza humana é apresentada como espaço de manifestação da graça divina (cf. 2 Coríntios 12:9-10).

Desta forma, temos o impacto da pluralização religiosa na região da Chapada – marcada hoje pelo sincretismo e pela presença de novas

denominações evangélicas – sobre as práticas inclusivas. Como diferentes tradições religiosas estão (ou não) incorporando discursos inclusivos e acessíveis e os reflexos da ação missionária presbiteriana nas políticas públicas de inclusão contemporâneas, sobretudo no que se refere à educação de pessoas com deficiência, ao acesso à saúde e à valorização da memória histórica de figuras invisibilizadas como Zezé Cego.

Com a promulgação da Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) (Brasil, 2015), avanços significativos foram alcançados na promoção dos direitos das pessoas com deficiência. No entanto, a efetivação dessas políticas na Chapada Diamantina enfrenta desafios relacionados à infraestrutura, formação de profissionais e resistências culturais. Municípios da região ainda carecem de escolas totalmente acessíveis, transporte adaptado e profissionais especializados na educação inclusiva.

Apesar desses obstáculos, algumas iniciativas pontuais demonstram o potencial transformador das políticas de inclusão quando articuladas com a comunidade local e com as instituições religiosas. Em municípios como Irecê, Petrolina, João Dourado, Piritiba, Jacobina e Wagner, igrejas evangélicas têm desenvolvido oficinas de conscientização, campanhas de acessibilidade e parcerias com escolas públicas. Essas ações visam sensibilizar a população e capacitar líderes religiosos e educadores para a promoção da inclusão (Dourado, 2025).

Além disso, há relatos de comunidades que, inspiradas pela história de Zezé Cego, têm promovido ações afirmativas, como a criação de espaços de escuta para pessoas com deficiência, grupos de apoio psicossocial e rodas de conversa sobre direitos e cidadania. Essas ações contribuem para o fortalecimento do protagonismo de pessoas com deficiência e para a construção de uma cultura de respeito à diversidade (Dourado, 2025).

Um dos desafios centrais para o avanço dessas políticas está na superação de uma cultura assistencialista, que ainda predomina em muitos contextos. A promoção da autonomia e da participação plena das pessoas com deficiência exige uma mudança de mentalidade tanto no poder público quanto nas lideranças religiosas, que precisam abandonar práticas de tutela e promover relações baseadas na equidade e na justiça social.

Com a promulgação da já citada, Lei Brasileira de Inclusão (Brasil, 2015), avanços significativos foram alcançados na promoção dos direitos das pessoas com deficiência. Contudo, a efetivação dessas políticas na Chapada Diamantina enfrenta desafios estruturais e culturais, notadamente relacionados à infraestrutura, à formação de profissionais e a resistências arraigadas. Municípios da região ainda carecem de escolas plenamente acessíveis, transporte adaptado e profissionais especializados em educação inclusiva.

Apesar desses obstáculos, algumas iniciativas pontuais demonstram o potencial transformador das políticas de inclusão quando articuladas com a comunidade local e com as instituições religiosas.

Adicionalmente, há relatos de comunidades que, têm promovido ações afirmativas, como a criação de espaços de escuta para pessoas com deficiência, grupos de apoio psicossocial e rodas de conversa sobre direitos e cidadania. Tais iniciativas contribuem para o fortalecimento do protagonismo das pessoas com deficiência e para a construção de uma cultura comunitária pautada no respeito à diversidade.

Um dos desafios centrais para o avanço dessas políticas reside na superação de uma cultura assistencialista, que ainda permeia muitos contextos. A promoção da autonomia e da participação plena das pessoas com deficiência exige uma mudança de mentalidade tanto no poder público quanto nas lideranças religiosas, que precisam abandonar práticas de tutela e promover relações baseadas na equidade e na justiça social.

4.1 Impactos Sociais: Fé como Fator de Transformação Comunitária

A atuação histórica da missão presbiteriana na Chapada Diamantina, especialmente em localidades como Ponte Nova / Wagner, estabeleceu marcos permanentes de fortalecimento da autonomia local. Fundamentada nos valores reformados que preconizam o serviço ao próximo e a dignidade do trabalho, a missão articulou serviços básicos em territórios onde a presença do Estado era exígua.

A fundação do Hospital Grace Memorial, em Wagner, transcende a categoria de mera infraestrutura de saúde. No âmbito da teoria sociológica, sua implementação pode ser analisada como a institucionalização do capital social na região. Robert Putnam define capital social como as características da organização social — tais como confiança, normas e redes — que podem

melhorar a eficiência da sociedade ao facilitar ações coordenadas. Nesse sentido, o hospital estabeleceu uma rede de solidariedade que operava sob uma lógica de reciprocidade e ética cristã reformada, alterando profundamente o ethos local. Diferente da estrutura coronelista predominante no sertão baiano da época, onde o acesso à saúde era frequentemente mediado por favores políticos, o Grace Memorial introduziu uma ética de cuidado universal e profissional. Esta mudança de paradigma gerou um estoque de confiança institucional. A população não apenas buscava a cura física, mas passava a integrar um sistema onde o "serviço ao próximo" era a moeda de troca social.

Este ambiente propiciou o surgimento de redes de apoio mútuo de famílias de diferentes localidades da Chapada criavam fluxos de auxílio para viabilizar o transporte de enfermos e a manutenção de acompanhantes, fortalecendo laços comunitários que extrapolavam os limites denominacionais.

A formação de quadros locais para treinar enfermeiras, auxiliares e administradores da própria região, a Missão Presbiteriana promoveu uma transferência de conhecimento e know-how que empoderou a comunidade, criando uma classe de lideranças locais capacitadas para a gestão do bem comum. A presença do hospital e da escola em Wagner gerou um fenômeno de coesão social. O capital social gerado pela Missão era do tipo bridging (ponte), pois conectava a isolada população do sertão a conhecimentos científicos modernos, novas práticas de higiene e, crucialmente, a uma rede internacional de apoio.

Essa estrutura fomentou uma cultura de autonomia local. Ao verem que a organização comunitária (guiada pelos valores da Missão) era capaz de suprir as lacunas deixadas pela ausência do Estado, os moradores da região incorporaram a prática da associação. Zezé Cego, em sua atuação, circulava por essas redes já estabelecidas, utilizando o capital de confiança depositado na "gente da Missão" para difundir não apenas a fé, mas também a ideia de que a dignidade e a cidadania eram direitos acessíveis, independentemente das limitações físicas ou socioeconômicas.

Em última análise, o Grace Memorial funcionou como o nó central de uma rede que transformou o cuidado em um dever cívico e espiritual, consolidando um legado onde a saúde pública e a solidariedade cristã se fundiram para reescrever a história da Chapada Diamantina.

4.2. Fé, cidadania e a LBI: Zezé Cego como precursor da autonomia funcional

A análise da Lei Brasileira de Inclusão (LBI), (Lei nº 13.146/2015), (Brasil, 2015), sob a perspectiva da trajetória de José Araújo permite compreender a dimensão política e social da sua experiência de fé. Embora a LBI seja um marco contemporâneo fundado na Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, a jornada de Zezé Cego na Chapada Diamantina antecipou, em décadas, os princípios da autonomia, da acessibilidade e da participação social preconizados pelo texto legal.

A LBI, em seu Artigo 63, estabelece que a pessoa com deficiência tem direito ao acesso à informação e à comunicação, incluindo o sistema Braille. Ao buscar formação no Instituto Evangélico e em outras instituições no Rio de Janeiro em 1937, Zezé Cego realizou um ato de resistência teológica e civil. Em uma época de profunda exclusão e ausência de políticas públicas, ele compreendeu que a autonomia funcional era o suporte necessário para o exercício de sua vocação.

Embora a LBI seja um marco contemporâneo fundado na Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, a jornada de Zezé Cego na Chapada Diamantina antecipou, em décadas, os princípios de autonomia, acessibilidade e participação social preconizados pelo texto legal.

A LBI define, em seu Artigo 3º, que a acessibilidade é o direito de utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários e sistemas de comunicação. Zezé Cego, ao transitar por 141 localidades do sertão baiano, não apenas exercia sua vocação religiosa, mas realizava um ato de autonomia funcional em um cenário geográfico e social hostil. Sua trajetória confronta o conceito de "deficiência" da LBI — que a entende como o resultado da interação entre impedimentos físicos e barreiras ambientais — ao demonstrar que a fé e o domínio de ferramentas comunicacionais (como o Braille) foram capazes de romper tais barreiras muito antes da proteção estatal.

O Artigo 63 da LBI assegura o direito à informação e comunicação em formatos acessíveis. Ao buscar o treinamento em Braille e portar a Bíblia e hinários neste sistema, José Araújo operou uma revolução cognitiva e política no sertão.

Para Zezé Cego, o Braille não era meramente um código técnico, mas o suporte que garantia seu direito de participação na vida cultural e religiosa em igualdade de condições (Art. 42 da LBI). Ao ler as Escrituras com as próprias mãos, ele subvertia a dependência de terceiros, exercendo a "liberdade de pensamento" que a Constituição e a LBI hoje salvaguardam. Sua jornada de leitura tátil era, portanto, uma antecipação da autonomia informacional garantida pelo marco legal contemporâneo.

Enquanto a LBI incentiva o uso de tecnologias assistivas, Zezé Cego desenvolveu estratégias próprias de navegação e memorização que podem ser lidas como tecnologias de sobrevivência. Sua capacidade de orientar-se pelos caminhos da Chapada, muitas vezes a cavalo ou acompanhado ou não por guias, reflete o que a lei chama de "adaptação razoável". A diferença reside no fato de que, para José Araújo, a adaptação não vinha de um desenho universal planejado pelo Estado, mas de uma rede de apoio comunitário forjada na ética cristã da solidariedade.

Por fim, ao atuar como colportor — uma profissão que exigia gestão de estoques, logística de viagens e habilidades interpessoais — Zezé Cego personificou o direito ao trabalho e à livre escolha de profissão (Art. 34 da LBI). Sua "agência" transformou a percepção da comunidade local: de "objeto de caridade", ele passou a ser reconhecido como "agente de transformação".

Dessa forma, a vida de José Araújo atua como um precedente histórico-social para a LBI. Ele não apenas aguardou a inclusão; ele a forjou através de sua resiliência, utilizando a fé como o motor que impulsionou a busca por uma cidadania plena e autônoma em pleno coração do sertão baiano.

O Braille como Instrumento de emancipação para o colportor - o sistema Braille não era apenas uma ferramenta de leitura das Escrituras, mas um mecanismo de inserção na esfera pública. Ao portar a Bíblia em Braille por 141 localidades do sertão baiano, ele personificava o direito à educação e à cultura, desafiando a percepção da deficiência como um estado de passividade ou caridade.

A trajetória de José Araújo sugere uma "teologia da cidadania". Sua resiliência não se limitava à aceitação da cegueira, mas à recusa da invisibilidade. Ao atuar como pregador e colportor, ele subverteu a lógica da exclusão com acessibilidade atitudinal, ou seja, Zezé Cego combateu, por meio

de sua presença ativa nas comunidades, as barreiras atitudinais (preconceitos e estigmas) que a LBI hoje busca eliminar legalmente. Sua profissão de colportor e sua liderança religiosa materializaram o que os Artigos 34 e 42 da LBI definem como o direito ao trabalho digno e à participação na vida cultural e religiosa em igualdade de condições.

Propõe-se, portanto, uma leitura onde a fé engajada de Zezé Cego atua como uma profecia dos direitos humanos. Enquanto o Estado era omissivo, a rede de solidariedade presbiteriana e o esforço individual de Araújo criaram um "oásis de acessibilidade" no sertão. Confrontar a vida de Zezé Cego com a LBI permite-nos ver a lei não apenas como um dispositivo técnico - jurídico, mas como o reconhecimento tardio de lutas históricas por dignidade.

A memória de José Araújo serve, assim, de suporte crítico para avaliar a implementação da LBI na contemporaneidade: se hoje a lei garante o direito, a história de Zezé Cego nos recorda que o exercício desse direito, no interior baiano, foi historicamente pavimentado pela fé que se traduz em ação social e busca incessante por autonomia.

A ética do reconhecimento contra o apagamento histórico com a valorização da trajetória de figuras como José Araújo, o Zezé Cego, transcende o esforço biográfico; constitui-se como uma política de memória e inclusão. No contexto historiográfico brasileiro, sujeitos periféricos e com deficiência frequentemente sofrem o que se denomina "apagamento social", sendo relegados à margem das narrativas oficiais. Ao resgatar a jornada de um pregador e colportor cego no sertão da Bahia, esta dissertação opera uma reparação simbólica, transformando o "sujeito invisibilizado" em protagonista de uma história de resistência e agência.

4.3. A Memória como instrumento de inclusão

O ato de lembrar e documentar a vida de Zezé Cego é, em si, uma estratégia de combate ao preconceito atitudinal. A memória, aqui, funciona como um contraponto ao estigma da incapacidade e de justiça cognitiva reconhecendo a erudição bíblica e a autonomia de locomoção de Araújo em meados do século XX desafia os estereótipos contemporâneos sobre a deficiência, forçando uma reavaliação das potencialidades humanas em contextos adversos.

A trajetória de Zezé Cego oferece um espelho de identidade para as comunidades da Chapada, onde a fé e a deficiência se encontram não como fardos, mas como elementos constitutivos de uma liderança legítima e orgânica.

O estado atual da acessibilidade com a análise da memória de Zezé Cego ganha contornos críticos quando confrontada com os dados de campo e as entrevistas realizadas nesta pesquisa. Embora o legado presbiteriano e a vida de Araújo apontem para um ideal de inclusão, a realidade factual das comunidades serranas da Chapada Diamantina revela um hiato persistente como as barreiras arquitetônicas e geográficas:

Entrevistas com atores locais indicam que, apesar dos avanços da LBI, o relevo acidentado e a falta de infraestrutura urbana nas cidades chapadenses ainda impõem severas restrições à mobilidade das pessoas com deficiência. O esforço hercúleo de Zezé Cego para percorrer 141 localidades, em lombo de burro ou a pé, encontra eco hoje na dificuldade cotidiana de cidadãos que lutam pelo simples acesso a prédios públicos e espaços de culto.

Os depoimentos colhidos revelam que Zezé Cego é recordado com reverência, mas sua história é pouco utilizada como base para reivindicações de direitos atuais. Existe um "legado afetivo" que ainda não se traduziu plenamente em "legado político" de acessibilidade estrutural.

Dessa forma, confrontar o ideal de inclusão personificado por Zezé Cego com a realidade factual das comunidades serranas permite identificar que a inclusão plena exige mais do que a memória: exige a tradução dessa memória em práticas institucionais. Valorizar Zezé Cego é, portanto, reivindicar que a luz que ele espalhou através de sua colportagem alcance as políticas públicas de hoje, garantindo que nenhum cidadão da Chapada seja novamente invisibilizado por suas limitações físicas.

A atual configuração da atuação social evangélica na Chapada Diamantina não pode ser compreendida de forma isolada, mas sim como um desdobramento orgânico da herança deixada pelos pioneiros do século XX. O legado de serviço — que outrora se materializou em grandes centros como o Hospital Grace Memorial e o Instituto Ponte Nova — ressoa hoje em uma microfísica do cuidado, pulverizada em iniciativas locais que preservam a rede de solidariedade original, adaptando-a às demandas do século XXI.

4.4. Educação informal e a pedagogia da presença

Diferente da estrutura formal dos colégios missionários do passado, as iniciativas contemporâneas focam na educação informal e no reforço escolar. Igrejas locais, herdeiras da tradição presbiteriana de valorização do intelecto, mantêm projetos que visam suprir as lacunas do ensino público, oferecendo cursos de música, alfabetização de adultos e suporte pedagógico.

O saber como libertação: Essa atuação mantém vivo o princípio reformado de que a educação é ferramenta de emancipação. Ao oferecerem espaços de aprendizado, essas comunidades religiosas funcionam como polos de resistência cultural e desenvolvimento humano, combatendo a vulnerabilidade de jovens e crianças nas periferias urbanas e zonas rurais da Chapada.

Uma das ressonâncias mais latentes do legado pioneiro é o acolhimento à população idosa. Em uma região marcada pela migração de jovens para os grandes centros urbanos, os idosos muitas vezes encontram-se em situações de isolamento. Inspiradas na dedicação dos antigos missionários e colportores, diversas congregações mantêm sistemas de assistência domiciliar que vão além do auxílio material, oferecendo suporte emocional e espiritual. Esta prática atualiza o conceito de "hospitalidade cristã", transformando a igreja em um suporte psicossocial essencial para a manutenção da dignidade na terceira idade.

O legado de Zezé Cego encontra sua ressonância contemporânea em projetos voltados à inclusão de pessoas com deficiência (PcD). O que antes era um esforço individual de superação de barreiras por parte de José Araújo, hoje se manifesta em ações de acessibilidade em que igrejas buscam adaptar seus espaços físicos e litúrgicos para acolher surdos e cegos, reconhecendo a diversidade funcional como parte do corpo comunitário. Além de iniciativas que oferecem suporte a cuidadores e familiares de PcDs, criando redes de troca de informações e auxílio mútuo que mitigam a exclusão social.

4.5. A Fé como infraestrutura social

As ressonâncias contemporâneas aqui discutidas demonstram que a rede de solidariedade iniciada pelos pioneiros da Missão Central do Brasil não se extinguiu com o fechamento de grandes aparatos institucionais ou a

transferência de gestão de centros como o Hospital Grace Memorial. Pelo contrário, o que se observa é um fenômeno de capilarização do cuidado. A estrutura, outrora centralizada em grandes prédios e orçamentos missionários, transmutou-se em uma infraestrutura social invisível, profundamente arraigada no cotidiano das comunidades da Chapada Diamantina.

Essa infraestrutura opera em três dimensões fundamentais que sustentam a resiliência local e a fé, nesta região, não se limita à esfera do transcendente; ela atua como uma força pragmática que provê serviços essenciais onde o Estado se apresenta de forma exígua ou intermitente. Ao oferecer desde o amparo pedagógico na alfabetização informal até o suporte logístico para tratamentos de saúde em centros urbanos maiores, as igrejas locais herdeiras do presbiterianismo histórico preenchem vácuos de cidadania. A "luz invisível" que guiou Zezé Cego em sua colportagem parece hoje iluminar as frestas do sistema público, garantindo que o direito à assistência não seja interrompido pelas distâncias geográficas ou pela burocracia estatal.

A manutenção dessa rede repousa sobre uma ética do cuidado que foi pedagogicamente construída ao longo de décadas. Essa ética reconhece na vulnerabilidade — seja ela manifesta na velhice, na infância ou na deficiência — não um fardo social, mas uma oportunidade de exercício de alteridade. Diferente de uma visão puramente assistencialista, essa infraestrutura invisível trata o assistido como um sujeito de direitos e, simultaneamente, como um "destinatário do amor em ação". Há aqui uma fusão entre o conceito jurídico de dignidade da pessoa humana e o conceito teológico de ágape, resultando em uma rede de proteção que é, ao mesmo tempo, espiritual e cívica.

A confiança depositada nas instituições religiosas e em suas lideranças locais constitui um estoque de capital social que facilita a ação coletiva. Quando uma comunidade se organiza para reformar a casa de um idoso ou para adaptar um espaço para uma pessoa com deficiência, ela o faz mobilizando uma memória coletiva de cooperação que remonta aos esforços de figuras como Zezé Cego. A trajetória de Araújo, portanto, não é apenas um dado biográfico, mas o alicerce simbólico que legitima essa infraestrutura social. Ele provou que a limitação sensorial não anula a agência social; pelo contrário, sua história pavimentou o caminho para que hoje a inclusão seja vista como um dever teológico-comunitário.

Dessa forma, a "infraestrutura invisível" da fé na Chapada Diamantina configura-se como um sistema de suporte psicossocial e material de alta resiliência. Ela preserva a chama da solidariedade dos pioneiros, não mais em grandes estruturas de pedra e cal, mas na rede viva de relações interpessoais que continuam a tecer o desenvolvimento humano e a justiça social no sertão baiano. É a prova de que o legado presbiteriano, em sua essência, não foi apenas sobre a implantação de uma denominação, mas sobre a fundação de um modo de existir em comunidade que prioriza a dignidade dos invisibilizados.

A confiança depositada nas instituições religiosas e em suas lideranças locais constitui o que podemos denominar como um estoque de capital social espiritualizado. Na Chapada Diamantina, esse fenômeno não se restringe à esfera do sagrado, mas transborda para o campo da pragmática social, facilitando a ação coletiva e a resolução de problemas comuns.

Historicamente, o estabelecimento do Hospital Grace Memorial e das escolas presbiterianas na região criou um "crédito de confiança" institucional. Em um território marcado por relações de poder voláteis e pelo coronelismo, a Igreja Presbiteriana apresentou-se como uma estrutura de estabilidade e integridade ética. Essa confiança depositada nas lideranças — pastores, médicos missionários e figuras como Zezé Cego — funcionou como um lubrificante social, reduzindo os custos da ação coletiva. Quando a Igreja convocava a comunidade para uma iniciativa de saúde ou educação, a resposta era imediata porque a instituição possuía um histórico de entrega e transparência.

A trajetória de José Araújo é exemplar para entender a circulação desse capital. Como colportor e pregador, ele era um agente de conexão. Sua cegueira, longe de ser um impedimento para a agência, conferia-lhe uma autoridade moral específica. A confiança que as comunidades periféricas depositavam nele permitia que Zezé Cego articulasse redes de apoio que transcendiam as fronteiras das vilas. Ele não levava apenas livros; ele transportava notícias, orientações e vinculava pessoas a uma rede maior de cuidado. Sua figura operava o que a sociologia chama de bridging social capital (capital social de ponte) conectando grupos isolados a recursos e informações da Missão Central.

O capital social espiritualizado baseia-se em uma norma de reciprocidade generalizada. Nas comunidades da Chapada, o auxílio prestado a um idoso ou a uma pessoa com deficiência não é visto como uma transação comercial, mas

como um investimento no bem-estar comum, garantido pela vigilância ética da comunidade de fé.

A confiança de que "a Igreja não abandona os seus" cria um ambiente de segurança psicossocial. Esse estoque de capital social permite que, mesmo na ausência de recursos financeiros vultosos, a comunidade mobilize braços, tempo e criatividade para resolver demandas urgentes, como a construção de rampas, o transporte de enfermos ou o suporte a famílias em luto.

Hoje, esse capital social espiritualizado permanece vivo na memória coletiva e nas práticas das congregações locais. Ele se manifesta na facilidade com que as igrejas organizam frentes de trabalho assistencial e na legitimidade que possuem para dialogar com o poder público. A confiança na liderança religiosa, quando pautada pelo legado de serviço de figuras históricas, continua sendo o motor mais eficiente para a mobilização social na Chapada.

Portanto, o capital social espiritualizado na jornada de Zezé Cego e na ação presbiteriana é a prova de que a fé, quando encarnada na realidade social, gera uma infraestrutura de confiança capaz de sustentar a dignidade humana e promover a justiça social onde as estruturas formais de poder muitas vezes fracassam.

4.6. Tensões na contemporaneidade: A cura como imperativo e o desafio da subjetividade

No cenário atual da Chapada Diamantina, a pluralização do campo religioso introduziu a presença de novas igrejas pentecostais e carismáticas, cujas abordagens em relação à deficiência exibem considerável variação e, não raro, tensões teológicas profundas. Embora essas instituições desempenhem papéis fundamentais de acolhimento social, algumas vertentes tendem a enfatizar a taumaturgia (o milagre da cura) como a expressão máxima e exclusiva da eficácia da fé. Esta ênfase, quando absoluta, pode reforçar leituras problemáticas que interpretam a deficiência não como uma característica da diversidade humana, mas como um "mal" ou uma "falta" a ser erradicada.

Essa perspectiva teológica, que posiciona a cura física como o único desfecho aceitável para o fiel com deficiência, acaba por negligenciar a subjetividade e a autonomia do indivíduo. Ao focar na "normalização" do corpo, a instituição religiosa pode, paradoxalmente, desumanizar o sujeito,

transformando-o em um "objeto de milagre" em potencial, em vez de reconhecê-lo como um agente de sua própria história espiritual.

O estigma da falta de fé, quando o milagre esperado não ocorre, a responsabilidade é frequentemente transferida para a pessoa com deficiência ou para sua família, sob a alegação de "insuficiência de fé". Este mecanismo gera um sofrimento psíquico adicional, sobrepondo ao impedimento físico uma culpa espiritual que Zezé Cego, em sua trajetória presbiteriana, parece ter subvertido ao encontrar na sua condição uma vocação e não uma punição.

Enquanto algumas novas vertentes buscam a erradicação da deficiência pela cura, a trajetória de José Araújo aponta para o que a teologia contemporânea denomina Teologia da Deficiência Inclusiva. Nesta visão, a limitação física é integrada à identidade do fiel sem que isso diminua sua integridade espiritual ou sua capacidade de liderança.

No modelo da "cura-imperativa", a pessoa com deficiência é colocada em uma condição de passividade e subordinação. Em contraste, Zezé Cego personifica a agência: ele não esperou a restauração da visão para se tornar um intelectual e um pregador; ele utilizou o Braille e sua mobilidade resiliente para exercer cidadania religiosa.

Para Araújo, o milagre não estava na recuperação da visão biológica, mas na "luz invisível" que permitia a compreensão das Escrituras e a transformação social da Chapada Diamantina. A análise das novas denominações na região revela um campo de disputas. Se por um lado o discurso da cura pode ser excludente, por outro, muitas dessas igrejas são as únicas instituições presentes em comunidades periféricas, oferecendo redes de apoio emocional que o Estado negligencia. O desafio contemporâneo reside em superar o modelo médico-religioso e transitar de uma visão que vê a deficiência como "doença a ser curada" para uma visão que a entende como "forma de estar no mundo" que demanda acessibilidade e respeito (modelo social da deficiência). Confrontar as tradições religiosas com a Lei Brasileira de Inclusão, exigindo que o espaço sagrado seja, antes de tudo, um espaço de acolhimento integral, onde a ausência de cura física não signifique a exclusão da comunhão ou da liderança.

Dessa forma, a figura de Zezé Cego permanece como um interlocutor crítico necessário para o ecossistema religioso atual da Chapada Diamantina. Sua memória desafia as novas igrejas a repensarem suas práticas: a verdadeira

inclusão não ocorre quando a deficiência é eliminada, mas quando o sujeito com deficiência é plenamente investido de dignidade, voz e poder dentro de sua comunidade de fé.

4.7. A Memória como farol: Zezé Cego e a pedagogia da resistência para o futuro.

Trata-se de evidenciar como a memória histórica de uma fé engajada — aquela que não se encerra nos templos, mas que se desdobra em ação colportora, educativa e assistencial — pode iluminar debates contemporâneos sobre inclusão, justiça social e o reconhecimento das múltiplas formas de espiritualidade e resistência. A trajetória de José Araújo, o Zezé Cego, portanto, não deve ser lida apenas como um registro estático do passado ou uma curiosidade hagiográfica da historiografia presbiteriana. Ela é, fundamentalmente, um convite à reflexão sobre as bases de uma sociedade mais justa e inclusiva (Giraldi, 2015).

A experiência de Zezé Cego demonstra que a inclusão não nasce de decretos isolados, mas de uma cultura de reconhecimento da dignidade ontológica do outro. Quando a Missão Presbiteriana investiu na alfabetização Braille de um jovem cego no interior baiano da década de 1930, ela não estava apenas realizando um ato de caridade; ela estava validando a sua agência política e espiritual.

Para o debate contemporâneo, esse legado ensina que a justiça social na Chapada Diamantina passa pela superação das barreiras geográficas e sensoriais. A "luz invisível" de Zezé Cego expõe as sombras das nossas atuais políticas públicas, que ainda falham em garantir acessibilidade plena em regiões periféricas.

A trajetória de Araújo subverte a ideia de que o corpo com deficiência é um corpo passivo ou "quebrado". Ao contrário, sua vida manifesta uma espiritualidade da resistência, onde a limitação física é o próprio local da revelação e do trabalho.

A resistência ao apagamento: Zezé Cego resistiu ao destino comum reservado aos cegos de sua época — a mendicância ou o isolamento doméstico. Sua fé impulsionou-o ao movimento, às estradas e ao debate público, iluminando o debate contemporâneo: No contexto atual, onde as discussões sobre

diversidade e inclusão ganham força, a memória de Zezé Cego serve como um referencial ético para as instituições religiosas e civis. Ela questiona: estamos criando espaços de protagonismo para a pessoa com deficiência ou apenas espaços de assistência?

Olhar para a jornada deste colportor e pregador cego é, em última análise, projetar o futuro. Sua história sugere que uma sociedade inclusiva depende de três pilares que ele personificou: educação emancipadora (o domínio do Braille), autonomia funcional (a coragem de percorrer o sertão) e pertencimento comunitário (o acolhimento pela rede de solidariedade presbiteriana) (Giraldi, 2015).

A trajetória de Zezé Cego é um arquétipo de resiliência que dialoga diretamente com a Lei Brasileira de Inclusão e com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ONU) da atualidade. Ela nos lembra que a memória é uma ferramenta de luta. Ao resgatarmos sua voz e sua caminhada, não estamos apenas olhando para trás; estamos pavimentando o caminho para que, no futuro, a "luz invisível" da dignidade humana seja o critério absoluto de nossas práticas sociais, religiosas e políticas (Giraldi, 2015).

A trajetória de José Araújo, o Zezé Cego, não se encerra no repouso de sua biografia, nem se limita aos contornos geográficos da Chapada Diamantina que ele, em sua audácia mística, ousou desbravar. Pelo contrário, Zezé Cego continua a caminhar por esse solo sertanejo, não mais através do toque físico de seus pés ou do apoio de seu cajado, mas por meio de uma transcendência histórica que se converte em consciência crítica. Sua vida, marcada por uma fé que não apenas contemplava o sagrado, mas que o tateava no Braille e o anunciava no pó das estradas, torna-se hoje um farol para pesquisadores, fiéis e cidadãos comprometidos com a ontologia da inclusão (Giraldi, 2015).

4.8. A Fé como epifania tátil e resistência

A fé de Zezé Cego não era uma aceitação passiva da cegueira, mas uma subversão profética da limitação. Em um cenário onde a deficiência era lida como sombra, sua espiritualidade foi o clarão que provou ser possível "enxergar" a dignidade humana através da Palavra. Cada página de sua Bíblia em Braille, desgastada pelo toque devocional, representa uma batalha vencida contra o apagamento social. Sua jornada é o testemunho vivo de que o Espírito não

conhece barreiras sensoriais; nele, a pregação tornou-se uma extensão do seu ser, e o sertão, o seu púlpito infinito.

Louvar sua trajetória é, portanto, reconhecer que a fé cristã, em sua expressão mais pura e presbiteriana, foi o motor que transformou um homem cego em um visionário da cidadania.

Hoje, a "Luz Invisível" de sua história habita o rigor da pesquisa acadêmica e o fervor das comunidades de fé. Ele caminha na mente do pesquisador, que ao analisar seus passos, descobre que a história da religião na Bahia é, antes de tudo, uma história de resistência humana.

No coração do fiel, que compreende que o verdadeiro milagre não é a cura da visão biológica, mas a abertura da visão espiritual para o serviço ao próximo. No compromisso do cidadão, que ao confrontar a Lei Brasileira de Inclusão, enxerga em José Araújo o precursor que, décadas antes do direito positivado, já exercia a plenitude de sua autonomia funcional movido pelo amor de Cristo.

O colportor e pregador Zezé Cego permanece como uma presença incorpórea e pedagógica. Ele desafia o tempo e o esquecimento, lembrando-nos que a verdadeira cegueira não reside na ausência da visão, mas na falta de solidariedade e no silenciamento dos vulneráveis. Sua trajetória não é apenas um registro do passado, mas um convite poético e teológico para que o futuro de uma sociedade mais justa seja pavimentado com a mesma resiliência e a mesma fé que fizeram de um colportor cego o maior iluminador das almas do sertão baiano.

A existência de José Araújo transcende a cronologia biográfica para se tornar um arquétipo de resistência espiritual e social. José Araújo vive no eco de cada voz que clama por inclusão e na persistência de toda alma que, mesmo em meio às trevas do preconceito e das barreiras estruturais, escolhe caminhar pela luz da esperança. Sua fé não foi um mero adorno confessional, mas a própria substância de sua visão. No silêncio dos seus olhos, operava uma mística da ação: a certeza de que a escuridão física era incapaz de eclipsar a claridade da vocação.

Ao tatear as Escrituras em Braille, Zezé Cego não apenas lia o sagrado; ele o corporificava, transformando cada ponto em relevo em um marco de conquista da cidadania. Sua trajetória louva a soberania de uma fé que não se

ajoelha diante da limitação, mas que se levanta para percorrer as distâncias mais áridas da Chapada Diamantina, provando que o Espírito sopra onde quer, independentemente da higidez dos sentidos.

Portanto, a jornada de quem fez da "luz invisível" o seu guia e da colportagem o seu ato político. José Araújo subverteu o destino da mendicância e do ostracismo, comum aos cegos de sua época, para se tornar um intelectual do sertão e um arauto da esperança. Sua fé operou como uma tecnologia de emancipação: ela conferiu-lhe a "visão" necessária para enxergar um futuro onde o acesso à educação e ao Evangelho era um direito de todos, inclusive dos invisibilizados pelo capacitismo histórico.

Dessa forma, a memória de Zezé Cego não é um resquício melancólico do passado, mas uma presença pedagógica e vibrante. Ela ressoa na ética da inclusão ao desafiar-nos a pensar em uma fé que derruba muros e constrói rampas, físicas e simbólicas. Ao demonstrar que a beleza da vida cristã reside na capacidade de florescer em solos pedregosos, transformando a cegueira em uma clarividência de propósitos.

Ao servir de substrato moral para a Lei Brasileira de Inclusão, lembrando que a dignidade da pessoa humana é um valor inalienável, revelado tanto na Lei quanto na Graça.

José Araújo, o nosso Zezé Cego, permanece como um horizonte de possibilidades. Sua história nos ensina que, enquanto houver uma alma lutando contra a exclusão na Chapada ou em qualquer sertão do mundo, ali estará o reflexo de sua fé. Ele não é mais apenas um homem que caminhou; ele é o próprio caminho. É a prova definitiva de que aqueles que caminham pela luz da esperança — aquela luz que não carece de retinas para ser percebida — jamais tropeçarão nas trevas do esquecimento. Sua trajetória é um hino eterno à potência da vida quando movida por uma fé que tudo crê, tudo suporta e, acima de tudo, tudo transforma.

CONCLUSÃO

A presente dissertação propôs-se a investigar a trajetória de José Araújo, o Zezé Cego, como um prisma através do qual se revelam as complexas intersecções entre fé, deficiência e inclusão social na Chapada Diamantina. Ao revisitar sua jornada como colportor e pregador, as evidências colhidas e analisadas permitem sedimentar conclusões que transcendem a biografia individual, alcançando a dimensão de uma história social da resistência e da autonomia no sertão baiano.

A primeira conclusão fundamental reside na compreensão de que a fé presbiteriana de José Araújo não operou como um elemento de resignação, mas como um catalisador de agência. Contrariando as narrativas hegemônicas da época, que relegavam a pessoa com deficiência à marginalidade ou à caridade passiva, a jornada de Zezé Cego demonstra que a espiritualidade reformada — com sua ênfase na leitura das Escrituras e no sacerdócio universal — forneceu as ferramentas intelectuais e morais para sua emancipação. O domínio do Braille e a memorização exegética foram atos de resistência política que desafiaram o capacitismo estrutural do século XX.

A atuação da Missão Presbiteriana na Chapada Diamantina, exemplificada pela escola em Ponte Nova e pelo Hospital Grace Memorial em Wagner, gerou um estoque de capital social espiritualizado que alterou o tecido social da região. Esta pesquisa demonstrou que as redes de solidariedade tecidas em torno dessas instituições criaram um "oásis de acessibilidade" e cidadania.

A "luz invisível" de Zezé Cego foi sustentada por essa infraestrutura social que valorizava o desenvolvimento humano integral, provando que a inclusão é um projeto coletivo que exige o suporte de redes comunitárias de confiança.

Uma das contribuições mais originais desta análise é a leitura da trajetória de José Araújo como uma antecipação fenomenológica da Lei nº 13.146/2015. Décadas antes da positivação dos direitos da pessoa com deficiência no Brasil, Zezé Cego já exercia a autonomia funcional, o direito à informação e a participação plena na vida comunitária.

Sua vida serve como um suporte crítico para avaliar a eficácia atual da LBI: enquanto a lei garante o direito no papel, a vida de Zezé recorda-nos que a

efetivação da justiça social depende de uma mudança atitudinal e de uma ética do cuidado que reconheça a potência na vulnerabilidade.

A pesquisa revelou um campo religioso contemporâneo na Chapada marcado por tensões. Concluímos que, enquanto a tradição histórica de José Araújo focava na autonomia e na vocação, certas vertentes neopentecostais atuais correm o risco de invisibilizar a pessoa com deficiência ao focar excessivamente no imperativo da cura física.

A memória de Zezé Cego, portanto, ergue-se como uma crítica teológica necessária, propondo uma Teologia da Deficiência Inclusiva, onde o corpo "imperfeito" é plenamente investido de autoridade espiritual e agência social, sem a necessidade de "normalização" para ser aceito na comunhão.

A conclusão central deste trabalho reside na premissa de que o resgate da trajetória de José Araújo transcende a biografia individual para se configurar como um exercício de justiça cognitiva. A justiça social global não é possível sem a justiça cognitiva global, o que implica o reconhecimento da pluralidade de saberes e de sujeitos históricos que foram submetidos ao "epistemicídio" pelas narrativas eurocêntricas e capacitistas.

A análise evidenciou que as populações periféricas da Chapada Diamantina não foram meras receptoras passivas da ação missionária estrangeira. O caso de Zezé Cego demonstra uma articulação de saberes: a apropriação do sistema Braille (um saber técnico-científico ocidental) foi ressignificada por um homem negro e cego do sertão para servir a uma causa de comunicação comunitária e liderança religiosa. Esta é uma forma de "reexistência", onde o sujeito periférico utiliza as ferramentas que lhe são negadas para construir sua própria agência.

A contribuição para o campo da micro história regional e dos Estudos Africanos e Culturas Negras faz-se notar ao observarmos como a oralidade, a memória e a resiliência — traços marcantes da diáspora africana e das culturas negras no sertão — se fundiram à prática da colportagem e da pregação. José Araújo não levava apenas livros; ele transportava uma forma de ser e estar no mundo que desafiava a lógica da exclusão absoluta.

A invisibilidade de figuras como Zezé Cego em registros oficiais e acadêmicos é um sintoma do apagamento de sujeitos que não se encaixam no padrão de "normalidade" produtiva. Ao documentar sua jornada, este trabalho

combate a ideia de que o sertanejo com deficiência é um ser sem história ou sem contribuição intelectual.

A pesquisa revelou um intelectual orgânico que, apesar das barreiras sensoriais, dominava a exegese bíblica e a logística de viagens por inúmeras localidades. Este dado tensiona a historiografia tradicional ao inserir o corpo negro com deficiência como protagonista da difusão cultural e religiosa na Bahia.

Portanto, concluir que este resgate é um ato de justiça cognitiva significa afirmar que a história da Chapada Diamantina está incompleta sem a voz de José Araújo. A justiça cognitiva aqui proposta é o reconhecimento de que o conhecimento produzido "na pele" e "no toque" de um colportor cego é tão legítimo e necessário para a compreensão do Brasil quanto os documentos oficiais das missões ou do Estado.

Ao final, esta dissertação entrega à comunidade acadêmica e à sociedade local um referencial de dignidade. Evidenciamos que as populações negras e periféricas do sertão articularam estratégias de sobrevivência e saber que anteciparam debates sobre direitos humanos e inclusão, transformando a carência em potência e o silêncio em uma pregação que, décadas depois, ainda ecoa como um manifesto de liberdade e reconhecimento.

Em suma, a "Luz Invisível" de José Araújo permanece como um legado vibrante. Ela nos ensina que a inclusão não é apenas uma questão de acessibilidade arquitetônica, mas de reconhecimento da dignidade ontológica do sujeito. Zezé Cego continua a caminhar pela Chapada através desta consciência crítica que sua história desperta.

Seu cajado e sua Bíblia em Braille são, agora, símbolos que devem guiar futuras políticas públicas e práticas religiosas, garantindo que a esperança e a autonomia continuem sendo o horizonte de cada cidadão, independentemente de sua condição sensorial.

Esta pesquisa encerra-se com a convicção de que a história de Zezé Cego não pertence apenas ao passado presbiteriano, mas é um patrimônio imaterial de toda a Chapada Diamantina, servindo de inspiração para a construção de um futuro onde a deficiência seja compreendida como uma das múltiplas e ricas formas de ser e estar no mundo.

REFERÊNCIAS:

ABREU, Martha; MATTOS, Hebe. Em torno das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana”: uma conversa com historiadores. **Estudos históricos**, vol. 21, n. 41, pp. 5-20. Rio de Janeiro, 2008.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

AMÂNCIO, I. M. da Costa. Lei 10.639/03, cotidiano escolar e literaturas de matrizes africanas: da ação afirmativa ao ritual de passagem. In: AMÂNCIO, I. M. da Costa; GOMES, Nilma & JORGE, M.L dos Santos. **Literaturas africanas e afro-brasileira na prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BAINTON, Roland H. **Here I Stand: A Life of Martin Luther**. New York: Meridian, 1995.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática Reformada**. São Paulo: Cultura Cristã, 2021.

Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados. "**História ambiental do Parque Nacional da Chapada Diamantina/Ba**". Disponível em: <https://bd.camara.leg.br/bd/bitstreams/25a2e8aa-1719-466e-8ad2-1ff532e87da4/download>. Acesso em 17 de maio de 2025.

BRASIL, 2015, Lei n. 13.146, de . **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm; acesso em 18 de maio de 2025.

CALVINO, João. **Institutos da Religião Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

Catecismo Maior de Westminster. Disponível em: Catecismo Maior de Westminster - Versão Online: Acesso em: 10 maio. 2025.

Chapada Diamantina - Ba.gov. "Chapada Diamantina". Disponível em: https://www.ba.gov.br/turismo/sites/site-setur/files/migracao_2024/arquivos/File/PDITSchapadaDiamantina.pdf. Acesso

em 17 de maio de 2025.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Editora Martin Claret, 2002.

CUNHA, Luiz Antônio. **O século XX da educação brasileira**. São Paulo: Unesp, 2009.

DAMASCENO, José Jorge Andrade, **A cuia e a bengala**: histórias de pessoas cegas em Salvador(1963-1993). Salvador: EDUFBA, 2022. 341p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRESTON, Paul. **Protestantes e Política no Brasil**: da Constituinte ao Impeachment. São Paulo: Ática, 1993.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIRALDI, Luiz Antônio. **História da Bíblia no Brasil**. São Paulo: SBB, 2015.

GIUDICE, M. "**As cidades da mineração na chapada**": Estudos Colaborativos SEI Bahia. Disponível em: <https://estudoscolaborativos.sei.ba.gov.br/wp-content/uploads/As-Cidades-Da-Mineracao.pdf>. Acesso em 17 de maio de 2025.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

Guia da Chapada Diamantina. "História e Cultura". Disponível em: <https://www.guiadachapadadiamantina.com.br/site/pagina/index/ref/historia-cultura>. Acesso em 17 de maio de 2025.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

IPB. (s.d.). **História da Igreja Presbiteriana do Brasil**. Recuperado de <https://www.ipbhistoriaeidentidade.com.br/materiais/historia-da-igreja->

presbiteriana-do-brasil/

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. "Lençóis (BA) - Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1396/>. Acesso em 17 de maio de 2025.

MATEUS. Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida.

PAULO. Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida.

MATOS, A. S. de. **Os pioneiros presbiterianos do Brasil.** Cultura Cristã, 2004.

MENDES, Enicéia Gonçalves. Inclusão radical e a escola. **Congresso brasileiro de educação especial**, 7., 2010, Campo Grande. Anais. Campo Grande: UFMS, 2010. p. 1-12.

NASCIMENTO, Ester F. Vilas - Bôas C. do. **Educar, curar, salvar: uma ilha de civilização no Brasil Tropical.** São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política, Sociedade. Tese de Doutorado. 2005.

NASCIMENTO, Gedeon Freire de Mendonça. **A secularização inacabada: desafios do Brasil contemporâneo.** São Paulo: Paulinas, 2006.

NICODEMUS, A. **Calvino e a responsabilidade social da igreja.** São Paulo: PES, 2006.

READ, William R. **New Patterns of Church Growth in Brazil.** Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1965.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930-1973).** Petrópolis: Vozes, 1978.

SAMPAIO, Moisés de Oliveira. **Francisco Dias Coelho: o Coronel Negro da Chapada Diamantina.** – Salvador: EDUNEB, 2017.

SAMPAIO, Moisés de Oliveira. **O pensamento Calvinista na América: A**

Missão Presbiteriana no Sertão da Bahia, in Histórias, memórias e estudos de religião: aspectos teóricos e questões metodológicas. PPGAFIN-UNEB. s.d.

SAMPAIO, T. **O Rio de S. Francisco e a Chapada Diamantina**: trechos de um diário de viagem (1879-80). Revista S. Cruz. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas.1905.

SANTOS, S. N, A. **Etnogênese Payayá**: Pesquisa e ensino da história Indígena na Chapada Diamantina(PDF). Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. 2020.

SILVA, M. C.; OLIVEIRA, L. F. **A diversidade étnica brasileira**: um reflexo da história colonial e escravista. São Paulo: Editora X, 2010.

SILVA, M. E. N. D.; BATISTA, R. D. S. O Grace Memorial Hospital e a Missão Presbiteriana norte-americana no Brasil: fontes para a história da assistência à saúde, 1955-1971. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, dez 2019. 249 - 259.

DEPOIMENTOS

ARAÚJO, Fanuel. Depoimento [04/04/2025]. Entrevistador: Luiz Fernando Reis. UNEB – 2025. Entrevista. Miguel Calmon BA.

ALAMEIDA, Vilobaldo Bastos de. Depoimento [08/04/2025]. Entrevistador: Luiz Fernando Reis. UNEB – 2025. Entrevista. Tapiramutá BA.

ARAGÃO, Célia. Depoimento [08/04/2025]. Entrevistador: Luiz Fernando Reis. UNEB – 2025. Entrevista. Piritiba BA.

DOURADO, Justiniano Aldon. Depoimento [17/07/2025]. Entrevistador: Luiz Fernando Reis, Piritiba BA.

MARQUES, Dermival Ribeiro. Depoimento [18/04/2025]. Entrevistador: Luiz Fernando Reis. UNEB – 2025. Entrevista. Tapiramutá BA.

MARQUES, Marinalva Ribeiro. Depoimento [05/07/2023]. Entrevistador: Luiz Fernando Reis. UNEB – 2025. Tapiramutá/ Volta Grande BA.

SANTOS, Agnanes Bispo dos. Depoimento [08/07/2023]. Entrevistador: Luiz Fernando Reis. UNEB – 2025. Entrevista. Tapiramutá BA.

SANTOS, Áureo Bispo dos. Depoimento [20/07/2023]. Entrevistador: Luiz Fernando Reis. UNEB – 2025. Entrevista feita pelo WhatsApp (áudio). Irecê BA.